



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**A ABORGAGEM SOBRE A “NOVA CLASSE MÉDIA”: UMA ANÁLISE DO GT
ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E DESIGUALDADE DO CONGRESSO BRASILEIRO DE
SOCIOLOGIA DE 2007 A 2017**

CARINE PAULA GIARETTA

ERECHIM, 2017

CARINE PAULA GIARETTA

**A ABORGAGEM SOBRE A “NOVA CLASSE MÉDIA”: UMA ANÁLISE DO GT
ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E DESIGUALDADE DO CONGRESSO BRASILEIRO
DE SOCIOLOGIA DE 2007 A 2017**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Licenciada em Ciências Sociais da Universidade
Federal da Fronteira Sul – *Campus Erechim*.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando Santos
Corrêa da Silva

Erechim
2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Giaretta, Carine Paula
A ABORDAGEM SOBRE A NOVA CLASSE MÉDIA: UMA ANÁLISE DO
GT ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL DO CONGRESSO BRASILEIRO DE
SOCIOLOGIA DE 2007 A 2017/ Carine Paula Giaretta. --
2017.
68 f.:il.

Orientador: Luís Fernando Santos Corrêa da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências
Sociais , Erechim, RS , 2017.

1. Estratificação Social. 2. Desigualdade. 3. Classe
Social. 4. Nova Classe Média. I. Silva, Luís Fernando
Santos Corrêa da, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

CARINE PAULA GIARETTA

Título: A abordagem sobre a "nova classe média": uma análise do GT Estratificação Social e Desigualdade do Congresso Brasileiro de Sociologia de 2007 a 2017.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

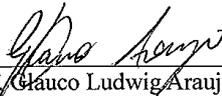
Banca examinadora:



Prof. Luís Fernando Santos Corrêa da Silva



Prof. Bernardo Mattes Caprara



Prof. Glaucio Ludwig Araujo

Dedico aos que lutam pela consolidação das Ciências Sociais na Educação Escolar.

AGRADECIMENTOS

Uma das coisas mais gratificantes em se terminar um Trabalho de Conclusão do Curso, é chegar na hora escrever os agradecimentos e poder (re) lembrar e comemorar com aqueles e aquelas cujas angústias, lágrimas e risos se misturam durante a caminhada:

O principal agradecimento vai para meus pais Anete e Paulo, por tantas coisas, que não consigo nem enumerar, mas resumindo, por terem acreditado em mim e no meu objetivo e por tê-lo tornado realidade junto comigo;

A todos os meus familiares e amigos/as que de alguma forma contribuíram. Agradeço em especial a minha irmã Sandra e minha tia Lui;

Gostaria de agradecer com carinho a Escola Estadual de Ensino Médio Campos Sales por ter me possibilitado a realização do meu Estágio Curricular Supervisionado nesta Instituição, em especial a Professora Marlei F. Biazin da Silva;

Agradecer e aplaudir de pé o meu Orientador, Professor Luís Fernando, pelo apoio, pela serenidade, pela crítica sempre elegante e construtiva e em seu nome agradecer aos demais professores/as com que tive aula;

A Banca examinadora;

Aos colegas da Turma CS 2013;

A FAPERGS e ao FNDE, pelo apoio financeiro durante o período em que fui bolsista;

A todos os setores e funcionários/as da UFFS *campus* Erechim;

*Diego não conhecia o mar.
O pai Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, está do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar,
o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar,
e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar,
tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca dos processos de Estratificação Social e Desigualdade, bem como de aspectos teóricos e metodológicos que dialogam com o tema contemporaneamente. Como objeto empírico, a pesquisa analisou a produção científica referente ao Congresso Brasileiro de Sociologia em relação ao Grupo de Trabalho Estratificação Social e Desigualdade nas edições de 2007 a 2017. Primeiramente, buscou-se retomar teorias clássicas, com suas diferentes abordagens, trazendo a reflexão para a teoria contemporânea, dando um enfoque maior para os argumentos sobre classes sociais. A compreensão do conceito de *habitus* em Bourdieu é trazida em uma perspectiva de diálogo com a produção teórica do sociólogo Jessé Souza, sobre a sociedade brasileira, principalmente sobre a compreensão da “nova classe média”. Com o estudo identificou-se que dos cento e vinte e cinco trabalhos apresentados no referido GT, apenas seis e a partir de 2013 abordaram a temática, o que demonstra não ser um tema de pesquisa consolidado dentro do GT, mas que, no entanto, a partir das pesquisas de autores como Souza, Neri e Pochmann passou a ganhar visibilidade.

Palavras-chave: Estratificação Social. Desigualdade. Classe social. Nova Classe Média

ABSTRACT

This work aims to present a thought about the process of social stratification and inequality and also the theoretical and methodological aspects that work with this theme nowadays. The research analysed empirically the scientific production about the Brazilian Congress of Sociology in relation to the group of work in Social Stratification and Inequality in the editions from 2007 to 2017. First of all, it was brought the basic theories with their different approaches in relation to the modern theories and gave a bigger emphasis to the social classes' considerations. The understanding of the concept of *habitus* in Bourdieu is brought in a debate perspective with the theoretical production of the sociologist Jessé Souza about the Brazilian society, mainly, about the understanding of the "rising middle class". With the study it was identified that from the a hundred and twenty-five works showed in the GT, only six and only from 2013 addressed this theme, which shows it is not a consolidated theme inside the GT. However, through the researches of the authors like Souza, Neri and Pochmann it starts to have exposure.

Key-words: Social Stratification. Inequality. Social Class. Rising Middle Class.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2007 do Congresso Brasileiro de Sociologia	43
Quadro 2 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2009 do Congresso Brasileiro de Sociologia	46
Quadro 3 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2011 do Congresso Brasileiro de Sociologia	50
Quadro 4 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2013 do Congresso Brasileiro de Sociologia	53
Quadro 5 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2015 do Congresso Brasileiro de Sociologia	57
Quadro 6 - GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2017 do Congresso Brasileiro de Sociologia	61
Quadro 7 - Trabalhos sobre “nova classe média”	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição por temas edição 2007	45
Gráfico 2 - Distribuição por temas edição 2007	49
Gráfico 3 - Distribuição por temas edição 2007	52
Gráfico 4 - Distribuição por temas edição 2007	56
Gráfico 5 - Distribuição por temas edição 2007	60
Gráfico 6 - Distribuição por temas edição 2007	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL, CLASSES SOCIAIS E DESIGUALDE: ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS.....	17
1.1 Refletindo sobre estratificação social e desigualdade: abordagens clássicas	17
1.2 Abordagens sobre classe na teoria contemporânea	21
CAPÍTULO II ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU.....	25
2.1 Gosto não se discute?.....	25
2.2 A profissão de Sociólogo.....	29
CAPÍTULO III JESSÉ SOUZA E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA	31
3.1 Considerações sobre os períodos da Sociologia no Brasil.....	31
3.2 Jessé Souza e uma (re) interpretação da luta de classes no Brasil?.....	34
CAPÍTULO IV SOBRE O CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA	42
4.1 GT Estratificação Social e Desigualdade: uma análise de 2007 a 2017	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

INTRODUÇÃO

A parte fundamental de uma pesquisa está, sem dúvida, na escolha do tema, na sua justificativa e na formulação de seu problema. Vou inicialmente, fazer a Introdução deste estudo, buscando expor fatores que me levaram a tomar esta posição dentro de tantos temas possíveis, interessantes e importantes de serem estudados.

A minha trajetória dentro do curso, teve, de certa forma, um peso considerável na escolha e no propósito deste estudo. Logo no início da graduação, ingressei em instâncias institucionais de projetos, que por hora, me levaram a ter uma iniciação tanto na pesquisa qualitativa¹, através da etnografia, e por outro lado, uma iniciação às noções da pesquisa quantitativa². Desse movimento, é importante ressaltar, ao estudar, mesmo que de forma bastante embrionária (nos termos de Bourdieu), o processo de imigração senegalesa para o Alto Uruguai do Rio Grande do Sul, e concomitantemente, estudar o processo de expansão do Ensino Superior Público na mesma região, acentuado pelo interesse despertado pelas próprias disciplinas do curso, foi construindo na minha trajetória como estudante de Ciências Sociais, uma identificação com a temática da Estratificação Social, Desigualdade e classes sociais. Se por um lado, o ingresso de estudantes de classes populares na Universidade me chama a atenção, também a ética ligada à moral do trabalho e a solidariedade entre os imigrantes senegaleses, para além da questão própria da globalização, começava a provocar em mim inquietações sobre o comportamento referente aos grupos sociais e para utilizar o termo, entre as classes sociais.

A reivindicação feita através de movimentos sociais, com pautas populares, teve efeitos na conquista de uma Universidade Multicampi, localizada em três Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, abrangendo dessa forma, a Mesorregião da Fronteira Sul, a qual denomina a Instituição³. Essa iniciativa configura nessa região, uma nova estrutura em relação em termos de Ensino Superior, podendo-se dizer que representa a presença do Estado em relação à Universidade Pública, e seu potencial crítico lançado pelo tripé: ensino, pesquisa e extensão.

¹Edital 134/UFS/PRO-ICT2014: Disponível em:

<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2014-0432>

²Edital 682/GR/UFS/2015: Disponível em:

<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/edital/gr/2015-0682>.

³Apresentação Institucional: Disponível em:

https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/apresentacao.

O “fenômeno” da expansão do Ensino Superior está vinculado a um projeto de governo que pretendia incluir setores da sociedade brasileira, para além da inserção pelo consumo promovido pelos projetos e programas, que acabaram por aquecer a economia do país, criando uma discussão interessante acerca da ascensão de uma “nova classe média”. Alguns setores reagiram ao acesso de setores populares a espaços e serviços que até então eram exclusividade de classes médias e altas. A queda da então presidente da República, em 2016, foi apropriada por um discurso de combate a corrupção, sendo esta, algo generalizado na sociedade brasileira e os setores que se levantaram contra o governo legítimo se afirmavam como “guardiões da moral cívica”, e que “colocariam a casa em ordem”.

Recentemente, o Sociólogo Jessé Souza⁴ lançou uma ousada reinterpretação do Brasil: ao invés de tomar o Brasil como uma sociedade forjada na corrupção, o autor propôs a interpretação de uma sociedade forjada na escravidão. Logicamente, essa leitura, causou rumores na academia brasileira, inclusive na ala “à esquerda”, cujos intelectuais são até hoje prestigiados em suas cátedras. De certo modo, Souza, toca em um ponto crítico que parece introjetado no modo de ser, agir e sentir dos brasileiros/as sobre si mesmos e que remete de algum modo ao que Nelson Rodrigues denominava “a síndrome de vira-latas”, em que os problemas brasileiros são relegados ao mau-caratismo de seu povo, sentimento de inferioridade, e que tem sua expressão maior quando este ingressa no Estado. O “jeitinho”, que de acordo com Souza, não é só brasileiro, existe em todas as sociedades complexas e modernas, o que o autor observa, é que por aqui, desde sua constituição como um Estado-nação, a elite (do atraso), forjou um projeto de reprodução de seus privilégios baseada em uma noção “antipopular”, que se utiliza de meios, como a mídia, para reproduzir uma visão de que tudo que é ruim se encontra no Estado, e toda a virtude se encontra no Mercado. Essa ideia de que somos incapazes de gerir o bem público, porque somos maus e corruptos (principalmente quando representantes de pautas populares chegam ao poder), serviria para alguns poucos rapinarem para si todo lucro possível, com privatizações de serviços e apropriações dos recursos naturais e minerais valorizados na ordem capitalista mundial.

Como esse projeto de dominação se instalou se reproduziu e se reproduz por tanto tempo na sociedade brasileira? A consideração de Souza, nesse sentido, propõe

⁴ Entrevista concedida a Revista Cult: Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/jesse-souza-a-elite-do-atraso/>.

que ela veio justamente do lugar de excelência da busca pela “verdade”: da ciência e mais especificamente, das Ciências Sociais.

O primórdio da Sociologia brasileira foi influenciado por autores em um período em que a tese do “evolucionismo social” era de certa forma prestigiada. Nesse sentido, a questão racial foi tomada como pedra fundamental da formação da sociedade brasileira, agregada a uma perspectiva negativa, pois havia se juntado tudo que de pior poderia haver em termos de “raça”, o que acarretaria em uma nação desacreditada. Gilberto Freyre, ainda influenciado por essa corrente, no entanto, inverteu a lógica, convertendo a mistura racial de negativa para positiva, e exaltou o aspecto pacífico, cordial do Brasil, como sendo um lugar do encontro e da mistura racial por excelência e que esta seria a maior virtude enquanto sociedade. Essa tese da democracia racial foi tomada como alicerce para a constituição do “mito nacional” brasileiro, ou seja, um consenso que tomaria as mentes e os corações, difundida pela elite industrial nascente, o interesse estatal e os aparelhos do Estado, em que estava compreendida a educação e os meios de comunicação (SOUZA, 2009).

No entanto, alguns anos depois, surge outra tese, e esta será aclamada de pé pela intelectualidade brasileira e inclusive pela esquerda. Trata-se da obra de Sérgio Buarque de Holanda, na qual ocorre uma nova inversão em relação ao povo brasileiro, é construída então a tese do homem cordial, do patrimonialismo e do populismo. Nesse período também a classe dominante paulista se empenha em construir aquele que seria o centro da intelectualidade brasileira, ou seja, tudo que havia de mais avançado e moderno, a Universidade de São Paulo. Com o objetivo de ser a detentora não somente do poder econômico, a elite paulista transforma imediatamente na detentora do poder sobre o capital mais cobiçado, o conhecimento. A tese de Sérgio Buarque logo se transforma em “verdade” chancelada pela ciência, a ser reproduzida como discurso dominante sobre a sociedade brasileira.

Autores como Bourdieu (1989, 1996, 2004) apontam para as disputas existentes no espaço social, onde os diferentes grupos disputam entre si, em diferentes campos, como o campo científico, uma luta pelo “monopólio da autoridade científica”. Nesse campo há uma disputa pela detenção da tese mais prestigiada e reconhecida, até que agentes que disputam esse capital de reconhecimento tenham condições de confrontar as ideias vigentes. O campo tende a se conservar, ou então abre espaço para que haja uma ruptura e superação de paradigmas. De acordo com Souza, no Brasil, há um imperativo de “fetiche dos números”, em que muitas vezes os pesquisadores atentam mais para os

números da economia, do que para constatações de dados empíricos, coletados em profundidade. A interpretação pelo dado econômico produz um efeito de percepção da sociedade brasileira como Mercado e não como Sociedade, isso de acordo com Souza, são “consensos inarticulados”, opacos, que vão fazer com que o Brasil se aceite desigual como é, preconceituoso como é, e violento como é.

Os procedimentos metodológicos adotados pelo presente estudo serão de natureza bibliográfica e qualitativa. Sobre metodologia, Minayo, destaca:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia, inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sensibilidade). (MYNAIO, 2012, p. 14),

A metodologia empregada nesta pesquisa será de cunho qualitativo, em que o procedimento será a leitura dos resumos e dos trabalhos completos do GT Estratificação Social e Desigualdade, na qual se buscará construir um quadro de análise mediante a formulação de um banco de dados secundário, composto por quadros e gráficos, na expectativa de compor o “estado da arte”, sobre este Grupo de Trabalho. Dentro das análises deste GT, haverá mais um recorte sobre classes sociais, e mais especificamente sobre “a nova classe média”.

É ressaltando o papel da ciência como produtora de discursos, e da Ciência Social, como produtora do discurso legítimo sobre o social, que este estudo busca fazer o seu recorte dentro da produção do Grupo de Trabalho Estratificação Social e Desigualdade, no Congresso Brasileiro de Sociologia, onde os cientistas de certa forma disputam a legitimação de seus discursos e de suas pesquisas, e onde o campo da ciência se mostra com toda sua dinâmica. Nesse sentido, o problema deste estudo consiste em identificar: quais teorias, conceitos e metodologias foram adotados nos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Sociologia no período de 2007 a 2017? Sendo que o Objetivo da pesquisa consiste em verificar qual a relevância dos estudos sobre a classe média na composição do GT Estratificação Social e Desigualdade? Pode-se elencar como objetivos específicos deste estudo: analisar a teoria clássica e contemporânea em relação à Estratificação Social, Desigualdade e classes sociais; compreender como a sociologia brasileira se apropria dessas teorias contemporaneamente e analisar os trabalhos do GT Estratificação Social e Desigualdade em relação à nova classe média.

A presente pesquisa justifica-se pelo fato de que pode estar ocorrendo na Sociologia brasileira uma mudança de paradigma e é de grande relevância acompanhar como a Academia está reagindo a um movimento histórico de mobilidade social ascendente. Esse debate é extremamente importante, pois mesmo que indiretamente mexe com temas muito caros para as Ciências Sociais, tais como: gênero, violência, desigualdade, racismo, descolonização, entre outros. A tentativa de captar esse movimento teórico-conceitual dentro da Academia consiste em compreender a disputa dentro do próprio campo teórico do recorte do estudo.

Em termos gerais, o trabalho será estruturado em quatro capítulos, sendo que o primeiro abordará a Estratificação Social, Desigualdade e classes sociais de acordo com a abordagem sociológica clássica e contemporânea. O segundo capítulo abordará a sociologia de Pierre Bourdieu em relação aos seus pressupostos teóricos, principalmente em relação aos conceitos de campo, *habitus* e capital. O terceiro capítulo dimensiona justamente a contribuição de Jessé Souza para a sociologia brasileira e sua interpretação do espaço de disputas sociais no Brasil, bem como, sua teoria de classes. O quarto capítulo apresenta a pesquisa empírica dentro do GT Estratificação Social e Desigualdade, bem como um breve apanhado sobre a própria história da SBS, que configura a principal instituição da Sociologia no Brasil. E por fim, são trazidas as considerações finais sobre o estudo, onde são apresentadas as reflexões e os achados da pesquisa.

CAPÍTULO I

ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL, CLASSES SOCIAIS E DESIGUALDADE: ABORDAGENS SOCIOLÓGICAS

O presente capítulo tem por objetivo apresentar abordagens sociológicas acerca da Estratificação Social, Desigualdade e classes sociais. Para tanto, no item 1.1 serão utilizadas duas teorias clássicas: Marx e Weber. Por sua vez, no item 1.2 serão apresentadas duas teorias contemporâneas cujas teorias são desdobramentos destes clássicos, trata-se da análise de Wrigth e Goldthorpe, além da abordagem de um autor de síntese, no caso Giddens.

Nesse sentido o capítulo busca compreender a abordagem primeiramente dual, proposta por Marx na relação burguesia e proletariado, em que é significado ao capital econômico a maior relevância, que posteriormente é ressignificada por Weber na proposição de uma teoria mais complexa, abrangendo status e partido. Mantendo o escopo teórico clássico, as teorias contemporâneas procuram identificar novas variações para classe. Observa-se em especial a abordagem sobre a classe média.

1.1 Refletindo sobre estratificação social e desigualdade: abordagens clássicas

Todos os dias novas páginas são escritas e sua configuração vai sendo modificada, pela tecnologia, pelo trabalho, pelos meios de produção e consumo. Falar em transformação requer que se compreendam as relações sociais estabelecidas nessa dinâmica. Foi nesse sentido que os primeiros autores da Sociologia investiram seus esforços, pois buscavam compreender as transformações pelas quais passava a sociedade logo após o período de Revoluções na Europa que desencadearam o início do período Moderno.

Giddens (2008, p. 284) refere-se à estratificação como “um sistema de desigualdades estruturadas entre diferentes agrupamentos de pessoas”, sendo que através da história seriam identificados “quatro sistemas de estratificação: a escravatura, as castas, os estados e as classes”.

A escravatura apresenta a forma extrema de desigualdade, pois nesta um indivíduo pode ser considerado propriedade de outro, um recurso a ser utilizado da forma que o proprietário melhor entender. A casta está relacionada principalmente à

cultura indiana e tem convenções ligadas a deveres rituais que não podem ser desobedecidos em relação à casta de nascimento do indivíduo, nesse sentido, um membro de uma casta superior não podia sequer ter contato com a casta considerada inferior. Por outro lado, as sociedades estruturadas por estados remetem ao período do feudalismo europeu, cuja sociedade era estruturada em estratos: o mais elevado era composto pela aristocracia rural, normalmente nobres, o segundo estrato, pelo clero e o terceiro estrato pelos servos, mercadores artesãos.

A classe social diferencia-se das demais configurações principalmente por serem mais fluídas e não estarem previamente definidas por lei ou religião, sendo suas “fronteiras” imprecisas, nesse sentido, a posição de classe pode ser alcançada e não uma determinação de nascimento. Na classe também há o predomínio em relação à posse dos recursos materiais e também de impessoalidade, para além da influência religiosa, como acontece na casta. A desigualdade no sistema de classes está relacionada à remuneração e às condições de trabalho, diferentemente da obrigação-dever pessoais existente nos outros exemplos de sistemas de estratificação (Giddens 2008, p. 284).

A definição de classe para Giddens consiste em:

Um agrupamento de pessoas que partilham recursos econômicos comuns, que influenciam fortemente o seu estilo de vida. A riqueza e a ocupação profissional constituem as principais bases das diferenças entre as classes. (GIDDENS, 2008, p.300)

Um dos primeiros autores a pesquisar as dimensões econômicas, sociais e históricas do capitalismo foi Karl Marx. Este buscava o entendimento total da realidade, nesse sentido, o capital econômico era para este autor a fonte insofismável das desigualdades sociais e da luta de classes.

Partindo da análise das relações de produção, Marx constatou que a sociedade se dividia em classes sociais. As classes sociais seriam fruto das relações que os homens estabelecem no processo de produção. Elas surgem quando um grupo social se apropria das forças ou meios de produção e se torna proprietário dos instrumentos de trabalho. As classes sociais dividem a sociedade em dois grupos fundamentais: os proprietários dos meios de produção e os não proprietários destes meios. (SELL, 2010, p. 53)

As referidas classes a que Marx se refere são a burguesia e o proletariado, classes essencialmente modernas, que somente puderam existir com a política de

cercamentos dos campos da Inglaterra anterior à sociedade pré-industrial, e que expulsou os camponeses livres ou servos de suas terras, que até então seriam um bem de certa forma comum, fazendo com que estes posteriormente fossem para as cidades em expansão onde se tornariam empregados. Giddens (2008, p. 285) sustenta que para Marx “a classe seria um grupo de pessoas com uma posição comum em face aos meios de produção”. Nesse sentido, a sociedade pré-industrial era estruturada pelos donos das terras e os servos, escravos, e na sociedade industrializada esse antagonismo seria efetivado pelos industriais donos de capital e a força trabalhadora a quem denominou proletariado.

Marx construiu sua teoria com os conceitos fundamentais de *superestrutura* (jurídico e político, representações sociais e formas simbólicas) e *infraestrutura* (forças produtivas e relações de trabalho). Enquanto a primeira dizia respeito à ideologia, o segundo dizia respeito ao material, ao palpável, mas que como estas eram controladas pelos detentores dos meios de produção, acabavam se convertendo em seu favor, produzindo assim um processo de exploração e alienação (SELL, 2010). O conceito de exploração era fundamental em Marx, pois uma análise superficial das relações de produção não identificaria aquilo que não estava tão aparente que era a apropriação do excedente de produção, ou a mais valia, por parte do capitalista e que resultaria na tamanha desigualdade da sociedade moderna e que seria necessário os trabalhadores se unissem em prol de uma revolução que levasse a uma sociedade sem classes sociais e mais justa.

Os autores que seguiram a sua tradição acabaram se dividindo em relação aos seus pressupostos teóricos, uma corrente optou por levar a revolução às “vias de fato”, como foi o caso da Revolução Russa. Essa corrente aderiu à consideração de apropriação dos meios de produção pelos trabalhadores, com maior intensidade da atuação do Estado.

Outra corrente compreendia o papel da criação de uma consciência de classe entre os trabalhadores. Ela foi desenvolvida por Gramsci através de sua teoria sobre a disputa pela *hegemonia* e sobre o papel do *intelectual orgânico*. Essa afirmação é sustentada por Gonçalves:

Enquanto para o marxismo tradicional o campo determinante de conflito era econômico – também chamado de *infraestrutura* – para Gramsci, nas sociedades modernas, muito mais importante do que as lutas materiais na esfera econômica eram as batalhas ideológicas, que os marxistas chamam de *superestrutura* – a religião, as leis, a educação etc. Ora, para o autor, o Capitalismo, no ocidente, estaria tão introjetado nas mentes individuais que uma revolução política radical ao estilo soviético não apenas seria impossível como ineficaz para substituir o capitalismo pelo socialismo. (GONÇALVES, 2015, p. 58)

Mais adiante, a teoria de classes marxista será retomada através da análise contemporânea de Erick Olin Wrigth.

Outro sociólogo considerado clássico, Max Weber, ressignifica a posição de classe não somente de acordo com o capital econômico, mas também em relação ao seu aspecto político e simbólico, conforme aponta Sell (2010), com a concepção do conceito de *status*, ou estamento, Weber inaugura uma nova perspectiva para a análise do pertencimento em relação à classe social.

A novidade da teoria da estratificação social de Webber é buscar compreender com diferentes posições do indivíduo na sociedade não a partir de um único critério, mas a partir de sua inserção em várias esferas da realidade. Portanto, se, do ponto de vista econômico, as pessoas estão divididas em “classe social”, do ponto de vista político elas se encontram em diferentes “partidos” e quanto ao aspecto cultural, elas se diferenciam em diferentes tipos de “estamentos” ou grupos de *status*. (SELL, 2010, p. 139)

Nesse sentido, Weber também considera a importância do capital econômico, no entanto, com a complexificação da sociedade, era possível o indivíduo ter contato com outras formas de organização e que influenciariam suas escolhas, ou seu próprio pertencimento de classe, para além da dualidade “burguês/proletário”.

Weber (2004), diferentemente de Marx, constrói seu argumento sobre o capitalismo levando em consideração o papel da ética da religião protestante. Partindo dessa perspectiva, a religião e a sociedade estavam implicitamente ligadas e foram responsáveis por grandes transformações no ocidente. Um dos estudos mais aprofundados de Weber sobre a religião foi em relação à sociedade Americana, e como esta contribuiu para a formação de um *ethos* relacionado ao trabalho e ao “vencer na vida” pelo próprio esforço.

De acordo com Giddens (2008, p. 287), o status passou a ser expresso pelos estilos de vida das pessoas, isso incluiria marcas e símbolos como alojamento e vestuário, maneira de falar e a ocupação que ajudariam a moldar a posição social do

indivíduo. Nesse sentido, o compartilhamento de um mesmo status formaria uma comunidade em que existe um sentido de identidade compartilhada.

Um exemplo trazido por Giddens (2008) refere-se à mobilidade social em que o status influencia nas relações sociais, na qual, pode-se ter famílias tradicionais em decadência econômica, mas que mantêm estima social através de seu status, por outro lado, novos ricos tem dificuldades muitas vezes de serem aceitos no novo círculo social, por apenas serem detentores do capital econômico e ainda não terem o *habitus* de classe.

As considerações mais recentes sobre a teoria marxista e a teoria weberiana, serão apresentadas a seguir, com as contribuições de Wrigth e Goldthorpe.

1.2 Abordagens sobre classe na teoria contemporânea

Contemporaneamente, duas abordagens de classe são consideradas importantes, de acordo com Hubert⁵ (2015, p. 40-41), são elas do americano Erick Olin Wright e do britânico Jonh Goldthorpe. Wrigth traz uma análise de classes com uma ênfase maior na teoria marxista, no entanto também leva em consideração aspectos da teoria weberiana. Goldthorpe em seu expediente utiliza-se mais da teoria weberiana. Ambos consideram o debate sobre a chamada classe média importante, bem como a consideração em relação à posição que o indivíduo ocupa no mercado de trabalho. Wrigth traz em sua abordagem o que chama de classes intermediárias, ou conforme denomina, contraditórias, essa classe não dispõe dos meios de produção, mas atua em escritórios, cargos de gerência e supervisão, e de alguma forma desempenha funções de controle, já Goldthorpe, segue uma abordagem weberiana considerando a situação no mercado e a situação no trabalho, analisando os contratos.

A abordagem materialista de Wright (2015, p. 132) argumenta que “a trajetória geral do desenvolvimento histórico pode ser explicada por uma análise de classes bem construída”. Tanto para Marx, quanto para Wright, o conceito de exploração continua sendo importante, no entanto para o último, “o cerne do conceito gira em torno da interdependência antagônica dos interesses materiais dos atores dentro das relações econômicas”.

⁵ Ver Meirelles, 2015. Cap. Estratificação e Mobilidade Social: Fim do trabalho e das classes sociais?

Em relação à estrutura de classes Wright (2015, p. 140) pontua que, sendo o “capitalismo baseado em direitos de propriedade sobre meios de produção”, gerou três classes básicas, aplicando a análise contemporaneamente. Essas três classes são formadas por *capitalistas* (exploradores), que possuem os meios de produção e contratam os *trabalhadores* (explorados), e os *pequeno-burqueses* (que não exploram nem são explorados) estes utilizam os meios de produção sem contratar ou serem contratados.

Giddens (2008, p. 288), observa na obra de Wrigth, três dimensões de controle de recursos econômicos e que diferenciam as classes capitalistas modernas:

- 1- Controle sobre investimentos ou capital monetário;
- 2- Controle sobre os meios físicos de produção (terras ou fábricas e escritórios);
- 3- Controle sobre a força de trabalho;

A análise de classes descritiva, como no caso da Grã-Bretanha, conforme observa Giddens (2008, p. 290), pode ser utilizado pelo governo em políticas públicas, sendo levadas em consideração seis categorias de ocupação: técnicos intermediários, especializados não manuais, especializados manuais, parcialmente especializados e não especializados.

Goldthorpe identifica dois fatores principais em sua teoria de classes: situação no mercado e situação no trabalho. Giddens (2008, p. 290). A situação no mercado diz respeito ao nível salarial, segurança do trabalho e perspectivas de progresso, enfatiza recompensas materiais e as oportunidades de vida gerais. A situação no trabalho refere-se a questões de controle, poder e autoridade na ocupação. A situação no trabalho de um indivíduo pretende-se com seu grau de autonomia no contexto de trabalho e com as relações gerais de controle que afetam um empregado. Em relação aos principais níveis atuais de classe: o respectivo autor identifica três variações: classe de serviços, classe intermediária e classe trabalhadora (Giddens, 2008, p. 290). Nesse sentido, o autor sustenta um argumento de que a elite, não chega a ser significativa para estudos empíricos, uma vez que seus representantes são tão reduzidos.

Como, para Goldthorpe o contrato de trabalho é objeto de análise, supõe que este seja uma troca de salários e de esforço que é especificamente definido e delimitado, enquanto um contrato de prestação de serviço tem um elemento “prospectivo” como à possibilidade de aumento de salário ou de promoção, ou seja, a classe trabalhadora, de acordo com o autor é caracterizada por contratos de prestação de serviços, as classes

intermediárias experimentam tipos intermediários de relação de emprego. (Giddens 2008, p. 290).

Giddens (2008, p. 291) aponta algumas limitações da teoria dos autores, como: sua aplicabilidade a indivíduos economicamente inativos: desempregados, estudantes, pensionistas e crianças; incapacidade de refletir sobre a importância da posse da propriedade e de riqueza material para a classe social; os esquemas de classe derivados das categorias profissionais não refletem com exatidão a enorme concentração de riqueza da “elite econômica”, por exemplo, não classificar os ricos no esquema de classe, como sugere Goldthorpe, acaba por ocultar a desigualdade e estratificação.

Em relação à divisão de classes, Giddens (2008, p. 293) destaca o papel dos grandes executivos como acionistas e que isto lhe daria características semelhantes aos dos capitalistas financeiros e que são considerados classe alta atualmente, esse pequeno percentual de pessoas se diferencia da classe média, que tem maior controle sobre outros capitais.

A classe alta consiste numa pequena minoria de indivíduos que tem riqueza e poder e que são capazes de transmitir os privilégios aos seus filhos. A classe alta pode ser rudemente identificada como o 1% dos possuidores de riqueza. Abaixo dessa classe existe a classe de serviços, constituída, como afirma Goldthorpe, por técnicos, gestores e administradores de topo. Estes constituem cerca de 5% da população. Aqueles que Goldthorpe chama de “classe intermediária”, são por ventura, mais simplesmente apelidados de classe média. (GIDDENS, 2008, p. 294)

A classe média, por sua vez, seria uma classe bastante diversificada em termos de ocupações, mas de certo modo com semelhanças em relação ao status e oportunidades de vida. Atualmente, de acordo com Giddens (2008) seria a maior parte da população em países industrializados.

A dimensão das burocracias criou oportunidades e uma procura por trabalhadores para contextos institucionais. Nesse sentido, tanto profissionais liberais, quanto profissionais técnicos, tendem a trabalhar em setores da economia em que o governo tenha papel importante. Também se ressalta a demanda por parte do mercado por profissionais peritos para atuação em área como justiça, finanças, contabilidade, tecnologia e sistemas de informação (Giddens, 2008, p. 295).

Giddens (2008, p.296) ainda aponta que existem três dimensões que asseguram a proteção da classe média as suas recompensas: a entrada para a profissão é restringida aos que satisfazem um conjunto apertado de critérios, as qualificações, uma associação profissional que regula e disciplina a conduta de seus membros, ou seja, são aceitos

apenas membros qualificados para exercer determinada profissão. O controle se dá através das associações em que membros indesejados podem ser excluídos, incrementando a posição de seus próprios membros.

Ainda sobre a classe média, há um setor que é denominado “trabalhadores contratados”, que tem sua atuação principalmente em tecnologia da informação. O diferencial dessa parcela da classe média é o trabalho não hierarquizado, envolvendo-se em atividades dinâmicas e de resolução de problemas. Essa cultura política transcende o papel tradicional de esquerda-direita, estando menos envolvida com questões de classe e mais com aspectos referentes a estilo de vida. (Clark e Hoffman-Martinot, 1998 *apud* Giddens, 2008, p. 296).

Em relação à mobilidade ascendente da classe trabalhadora manual, há teses desenvolvidas acerca do que os autores chamam de “aburguesamento”, ou seja, seria a adoção dos valores, do estilo de vida e aparência da classe média, por parte dos trabalhadores manuais que tivessem trabalhos manuais bem remunerados, no entanto, Goldthorpe identifica apenas pontos de convergência entre a classe média baixa e o escalão mais alto da classe trabalhadora (Giddens, 2008, p. 297) remetendo de certa forma, ao que ao que Bourdieu vai classificar de *habitus* de classe.

De acordo com Giddens (2008, p. 299), há também a subclasse. Este segmento é frequentemente descrito como “excluído” do padrão de vida da maior parte da população, sendo um grupo com características de desemprego de longa duração, ou que tem empregos instáveis, não possuem abrigo, e podem permanecer dependentes de auxílios governamentais por longo período. Algumas vezes é associado a grupos minoritários étnicos menos privilegiados, ou a imigrantes.

Conforme foi visto ao longo do capítulo, a classe não é um sistema que determina o destino do indivíduo em seu nascimento, podendo apresentar possibilidades de mobilidade social. Sobre mobilidade social, Giddens argumenta:

O termo mobilidade social refere-se ao movimento de indivíduos e grupos entre diferentes posições socioeconômicas. Por mobilidade vertical entende-se o movimento ascendente ou descendente na escala socioeconômica. Diz-se que aqueles que ganham em termos de propriedade de rendimento ou status têm uma mobilidade ascendente, enquanto os que se movem na direção oposta possuem uma mobilidade descendente. Nas sociedades modernas existe também bastante mobilidade lateral, que se refere à movimentação geográfica entre bairros, cidades ou regiões. A mobilidade vertical e a lateral estão muitas vezes associadas. (GIDDENS, 2008, p. 302)

Analisa-se também de acordo como Giddens a mobilidade em termos de carreira do indivíduo ao longo de sua vida, esta é denominada mobilidade intrageracional. Também há o estudo da mobilidade intergeracional, que analisa se os filhos seguem nas ocupações de seus pais e avós.

Neste capítulo buscou-se elencar teorias clássicas e contemporâneas que dizem respeito às classes sociais e às transformações sociais que acarretam também modificações em seus próprios conceitos. No entanto, as teorias contemporâneas tendem a conservar aspectos das teorias clássicas, relativas ao peso maior ou menor da dimensão econômica no processo de definição do que seria uma classe social.

CAPÍTULO II

ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU

O presente capítulo tem por objetivo apresentar alguns dos principais conceitos da teoria de Pierre Bourdieu, mesmo que de forma não tão aprofundada e sua relevância para a constituição de uma das principais teorias da sociologia contemporânea.

O tópico 2.1 abordará justamente os conceitos de campo, *habitus* e capital em que o autor fornece argumentos para uma sociologia relacional, que leva em consideração tanto aspectos objetivos, quanto subjetivos nas trajetórias e nas ações realizadas pelos sujeitos.

O tópico 2.2 buscará analisar as proposições do autor em relação à ciência e em especial as Ciências Sociais, e suas contribuições sobre o cientista e o sociólogo em relação ao seu papel na sociedade, seu engajamento e a necessidade de repensar o fazer da ciência somente pelo prestígio acadêmico.

De forma geral, este capítulo dialogará com considerações dessa teoria acerca das classes sociais, com destaque para a reflexão sobre a classe média e importância do capital cultural para a manutenção da posição de classe deste segmento.

2.1 Gosto não se discute?

Com as transformações decorrentes do processo da modernidade, e de sua centralidade no Mercado e no Estado, autores foram se apropriando e contextualizando

historicamente as teorias clássicas, principalmente a marxista e a weberiana. Nesse sentido, a construção teórica de Bourdieu traz uma das abordagens sobre classes mais aceitas na sociologia contemporânea, justamente por refletir de forma refinada as dimensões do capital econômico, social, cultural e simbólico. Nesse sentido, Bourdieu é um autor que é bastante debatido em várias áreas, pois seus estudos alcançaram muitos campos, sendo os seus argumentos bastante aceitos, mas também bastante criticados por estudos subseqüentes a sua obra.

A teoria de Bourdieu dialoga, de certa forma, com todas as principais teorias clássicas, sendo que, de Marx observa a construção do poder econômico, mas, discorda que este seja o determinante em último nível, de Weber, vai se apropriar de considerações sobre classe.

Uma das provocações que Bourdieu vai trazer em sua teoria é o da “reprodução”, que de certa forma tem raízes na teoria Durkheimiana. A corrente Durkheimiana vai defender, de acordo com Sell (2010), que a divisão do trabalho social está implicitamente ligada ao conceito de *solidariedade orgânica*. Nesse sentido, em uma sociedade com alta especialização/divisão do trabalho, inevitavelmente se produziria uma total interdependência entre indivíduos e sociedade, e da sociedade para com os indivíduos, ao contrário do que acontecia nas sociedades tradicionais em que havia pouca divisão do trabalho social, e por isso essas sociedades eram baseadas no que denominou *solidariedade mecânica*. A configuração moderna da divisão do trabalho social, para Durkheim, nesse sentido, resultaria em um “organismo”, ou mesmo uma consciência coletiva, que funcionaria em plena harmonia, evitando dessa forma a anomia social, em que o indivíduo perde seu senso de pertencimento. Partindo deste pressuposto, Durkheim observa a importância da educação escolarizada, na incorporação pelos sujeitos dos conhecimentos articulados da sociedade moderna para o sucesso deste, na realização de sua função. Essa importância que Durkheim dá a educação escolarizada pode ser verificada na afirmação de Sell:

No entanto, sua preocupação fundamental era a ordem política, pois Durkheim via na escola um dos mecanismos fundamentais pelo qual a sociedade deveria imprimir, nas novas gerações, uma moral racional, de caráter laico. De acordo com sua visão, os elementos fundamentais da modernidade são o espírito de disciplina, a adesão aos grupos sociais e a autonomia da vontade. São justamente estes objetivos que Durkheim acreditava serem as tarefas fundamentais da escola pública. (SELL, 2010, p.102)

Considerando a educação como um fato social, que age no indivíduo na forma externa, geral e coercitiva, Durkheim pressupõe que esta molda o indivíduo em relação a sua forma de ser, agir e sentir. Para, além disso, se a educação é externa ao indivíduo, isso quer dizer que ela não é natural e sim um aprendizado que vai acontecer substancialmente em seu primeiro núcleo, normalmente, no núcleo familiar. Bourdieu identifica, conforme Durkheim identificou que a sociedade tem uma estrutura que condiciona o ser.

É levando em consideração esse papel fundamental da educação escolarizada, mas também e principalmente da primeira socialização do indivíduo, que Bourdieu vai desenvolver todo seu arcabouço teórico e metodológico em relação à classe social, mas principalmente em relação às desigualdades que a pretensa educação pública e igualitária francesa escondia. Para Bourdieu, somente o capital econômico não é mais suficiente para explicar a posição social do indivíduo na sociedade moderna contemporaneamente. Para tanto, o autor vai dimensionar a importância do capital cultural nesta explicação, e que, de forma basilar, é transmitido “invisivelmente”, através da herança afetiva de acordo com o seu conceito de *habitus*. Nas palavras de Bourdieu:

[...] o *habitus* como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus* a *hexis* indica a disposição incorporada, quase postural, mas sim o de um agente em ação: trata-se de chamar a atenção para o “primado da razão prática” de que Fichte, retomando ao idealismo, como Marx sugeria nas Teses de Feuerbach, o “lado activo” do conhecimento prático que a teoria do “reflexo” tinha abandonado. (BOURDIEU, 1989, p.61)

Nesse sentido, o *habitus* assume uma segunda natureza, ou seja, a história de forma incorporada se manifesta nas práticas dos indivíduos em uma perspectiva relacional, ou seja, Bourdieu não compreende o indivíduo como determinação histórica, no entanto, também questiona sua liberdade irrestrita dentro dos campos em que se posiciona, sendo que os sujeitos hora agem sobre a estrutura, hora incorporam suas disposições de acordo com suas estratégias, conscientes ou inconscientes.

O habitus é em algum sentido, uma história incorporada, uma quase natureza. Os agentes relegam esses atributos, visto que eles estão no âmago das suas práticas. Mas eles funcionam como uma presença operante do pretérito do qual o habitus é resultante. Justamente é o habitus que dá às práticas o caráter de independência relativa em face aos condicionamentos exteriores da realidade instantânea. “Essa autonomia é o passado operando e operante que funcionando como capital acumulado produz história a partir da história e garante assim a permanência na mudança que faz o agente individual como mundo no mundo”. (BOURDIEU, 2009, p.93 *apud* CAPRARA, 2013, p. 33)

De acordo com Setton (2002, 2002b, 2005, 2015), o *habitus* não seria um destino, mas um conceito que auxilia na reflexão sobre condicionantes sociais exteriores ao indivíduo e sua própria subjetividade. De acordo com essa noção é possível pensar a identidade social, a experiência biográfica trazida de forma consciente ou inconsciente. Setton (2002b, p. 110), aponta para a contribuição de Lahire e Giddens, o primeiro por avançar na teoria de Bourdieu para o papel ativo que o agente pode ter dentro da estrutura, e Giddens sobre a reflexividade da sociedade moderna sobre ela mesma, e para as instituições que atualmente formam os indivíduos: família, mídia e escola.

Constituindo-se de uma mediação entre o indivíduo e a sociedade, nesse sentido, as ações do indivíduo “são produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura”. (Setton, 2002 p. 63)

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirindo nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ação do agir. (SETTON, 2002, p. 63)

De acordo com o pensamento de Bourdieu (1989, 1996, 2004, 2006), a estrutura de classes na sociedade está constituída de um campo de forças. Setton (2002, p. 64), argumenta da seguinte forma:

O conceito de campo faz parte do corpo teórico da obra de Bourdieu. Trata-se de uma noção que traduz a concepção social do autor. Campo seria um espaço de relações entre os grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo e poder. Segundo Bourdieu, a sociedade é composta por vários campos, vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias. (SETTON, 2002, P. 64)

Nesse sentido, há um campo de forças (agentes em luta conforme sua posição) e agentes em campo (necessidades que se impõem). Sendo o campo um espaço de disputa, para Bourdieu, essa disputa se dá entre dominantes e dominados. Os dominantes são os que detêm o máximo de capital social.

Tomando o espaço social como realidade, Bourdieu compreende que os indivíduos ocupam posições relativas no tempo, que podem ser de dominadores ou dominados. A explicação que o autor oferece acerca da posição social diz respeito ao seu princípio gerador, ou seja: o capital. De acordo com Bourdieu o capital global de um indivíduo subdivide-se em três esferas principais: cultural (socialização, mais a educação escolarizada), econômico (recurso financeiro) e o capital social (rede de relações que se tem acesso).

Na obra *A distinção*, Bourdieu se utiliza da investigação através de fotografias, para identificar através dos gostos, os estilos de vida das pessoas e sua correspondência com um *habitus* de classe. O capital cultural que as pessoas demonstram, formam hierarquias de diferença entre as classes e frações de classe.

A inovação que Bourdieu traz com seus estudos e que ajuda a compreender a sociedade moderna, é que a herança contemporaneamente, não é só material, ela é uma herança cultural, transmitida afetivamente, ou seja, o *habitus*, disposições duráveis incorporadas pelo sujeito. Como o conhecimento é um capital extremamente valorizado atualmente, as classes privilegiadas deste, buscam mais é preservá-lo, de forma consciente, ou inconsciente, mesmo sob forma de consensos inarticulados.

2.2 A profissão de Sociólogo

Ao se falar em Ciências Sociais, o questionamento que se faz é em relação a sua constituição como campo autônomo, com suas próprias regras, métodos e teorias.

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2000) buscaram compreender aquilo que denominaram ser a “profissão de sociólogo”, ou seja, preocuparam-se com a construção de condições para que a Ciência Social se consolidasse como um campo de conhecimento, diferenciando-se das outras ciências.

Seguindo alguns pressupostos epistemológicos de Bachelard, atentaram-se para o fato de que o “obstáculo epistemológico” da Ciência Social, por excelência, estaria em sua familiaridade com o objeto de estudo, justamente pelo pesquisador estar envolvido

no caldo social que ele mesmo pesquisa. Nesse sentido, os autores consideram que haveria a necessidade de afastamento das pré-noções, para que sua análise não seja estabelecida no que os autores denominaram “sociologia espontânea”.

O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços, a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável. Sua dificuldade em estabelecer, entre a percepção e a ciência, a separação, que, para o físico, exprime-se por uma oposição nítida entre o laboratório e a vida cotidiana, é tanto maior pelo fato de não conseguir encontrar, em sua herança teórica, os instrumentos que lhe permitam recusar radicalmente a linguagem corrente e as noções comuns (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2000, p. 23).

A vigilância a que os autores se referem está relacionada à ruptura com as “pré-noções” ou “percepções” do real, que se apresentam, sobre tudo, a partir das motivações individuais. A vigilância epistemológica faz-se necessária nas ciências humanas, pois a interligação do pesquisador com o objeto de pesquisa faz com que “a separação entre opinião e discurso científico seja mais impreciso” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2000, p. 25). Nesse sentido, ao acatar imediatamente o que os agentes mobilizados no campo de pesquisa estão relatando, o cientista pode perder a capacidade de reflexão diante do objeto empírico.

Segundo Bourdieu (2004), o campo científico é um espaço social que nos circula, ou seja, um conjunto de recursos mobilizados para conquistar poder simbólico naquele determinado momento. É um espaço com relações estruturadas, regras específicas, “troféus” específicos e um agente que tem o *habitus* daquele campo, ou seja, o modo de agir e sentir. Nesse campo os agentes traçam suas estratégias para ter reconhecimento, posição. Nesse sentido, ser um “agente autorizado” significa ter capital acadêmico acumulado.

Para além das questões técnicas sobre a pesquisa em Ciências Sociais, Bourdieu questiona o próprio papel da ciência, como forma de melhorar o mundo. A questão que Bourdieu levanta sobre o Uso Social da Ciência, é que ao se analisar o seu campo, identifica-se limitações da academia em colaborar criação de alternativas para melhorar a sociedade para todos, pois na maioria das vezes os cientistas optam por aquilo que lhe der mais prestígio acadêmico.

Essa consciência de como usar a ciência é um questionamento que nos é legado da obra de Bourdieu enquanto Cientistas Sociais. Certamente há muitas críticas e contestações às suas obras, no entanto, entende-se que se trata de suma importância

para este estudo como será demonstrado no próximo capítulo a partir da contribuição de Jessé Souza.

CAPÍTULO III

JESSÉ SOUZA E A SOCIOLOGIA BRASILEIRA

O presente capítulo tem por objetivo trazer argumentos defendidos pelo sociólogo brasileiro Jessé Souza e sua contribuição para a ressignificação do olhar sobre a sociedade brasileira.

O tópico 3.1 tem por objetivo apresentar um panorama da Sociologia Brasileira, analisando seus primórdios, sua constituição e as contribuições de alguns de seus principais autores, sendo muitos destes considerados “intérpretes do Brasil”.

O tópico 3.2 abordará aspectos da Sociologia crítica de Jessé Souza, e suas considerações acerca de conceitos, teorias e métodos de pesquisa e como sua Sociologia da Sociologia Brasileira traz novos significados para o “ser brasileiro”.

Em termos gerais, este capítulo procurará dialogar com um importante referencial da teoria sociológica no Brasil: Jessé Souza, acerca dos “consensos inarticulados” da sociedade brasileira e a naturalização como uma das sociedades mais violentas e desiguais do mundo.

3.1 Considerações sobre os períodos da Sociologia no Brasil

A Sociologia configura-se em um campo de conhecimento de relevância em nível mundial. Essa área, que passou a se desenvolver a partir do processo de Modernização na Europa e por pesquisadores daquele continente, foi ganhando corpo também em outros países e continentes.

No Brasil, Liedke Filho (2005) analisa a Sociologia Brasileira em dois grandes períodos: o período da Herança histórico-cultural e o Período contemporâneo. O primeiro estaria dividido no período dos Pensadores Sociais e da Sociologia de Cátedra, enquanto o segundo estaria dividido no período da Sociologia Científica, de Crise e Diversificação e o de busca de uma nova identidade.

O período que abrange a Sociologia em seu primórdio foi influenciado pela construção de uma identidade nacional baseada na questão racial. Esse período é classificado por Liedke Filho como “pré-científico”, em que nomes como Nina Rodrigues, Batista Lacerda e Roquete Pinto foram as principais expressões. Essa fase foi influenciada por teorias positivistas, evolucionistas, e de algumas correntes antropológicas, que até hoje suscita debates e críticas contemporâneas sobre esses fundamentos. No entanto, há início de uma Sociologia que buscava conexões com o Direito, Literatura, Estado e a organização social.

Posteriormente, a Sociologia de Cátedra tinha propósito reformador da Escola Nova. Nesse período, Gilberto Freyre, escreve *Casa-Grande e Senzala*, onde temas como urbanização, pobreza e outras questões são abordados.

O desenvolvimento industrial do Brasil demandou que movimentos de renovação nas artes, na escrita se desenvolvessem, nesse sentido, de 1928 a 1935 o Ensino de Sociologia foi instituído em todo o país.

A partir de 1930, a Sociologia é investida de um arcabouço científico, e passa a ser denominada, sociologia científica, conforme destaca Liedke Filho:

A Sociologia científica passaria a ser institucionalizada em meados da década de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e com a criação da seção de Sociologia e Ciência Política da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (1934). (LIEDKE FILHO, 2005, p. 382):

Liedke Filho destaca o papel da elite de São Paulo, na institucionalização da Sociologia e da Ciência Política, após ser derrotada em 1932:

Uma elite numerosa e organizada, instituída de métodos científicos, a par das instituições e conquistas do mundo civilizado, capaz de compreender antes e agir no meio social em que vivemos. (LIEDKE FILHO, 2005, p. 383 *apud* OLIVEIRA, 1933).

Os principais temas estudados nos período por volta de 1945 estavam ligados ao folclore, arte, literatura, psicologia, mas também em relação à estratificação social, mobilidade e ocupações.

Em 1954, Florestan Fernandes dirigiu “projetos coletivos de pesquisa acerca das relações raciais no Brasil, da empresa industrial em São Paulo e do desenvolvimento brasileiro”. (Liedke Filho, 2005, p. 391). Neste período também é destacado o papel de Guerreiro Ramos e sua “Sociologia da libertação nacional”.

A sociologia desenvolvida no âmbito da Universidade de São Paulo , “é científica, técnica, rotinizada e demanda recursos, espaços, equipamentos e pessoal técnico administrativo”. (LIEDKE FILHO, 2005, p. 389 *apud* GERMANI, 1964).

O golpe de 1964, período que a América-Latina está quase toda submetida a regimes autoritários, trouxe conseqüências para o exercício das ciências sociais, sendo que vários pesquisadores foram impedidos de exercer a profissão. No entanto, mesmo assim sua oferta não deixou de crescer. Liedke Filho (2005) aponta que, em 1936, eram ofertados apenas dois cursos, já em 1978, eram ofertados 71 cursos de ciências sociais, no entanto estavam majoritariamente na iniciativa privada.

Na década de 60, a Sociologia em nível mundial passaria então por uma mudança em termos teórico-metodológicos, que observavam o processo da urbanização e seus desencadeamentos posteriores, bem como a relação do país com agentes internacionais, conforme destaca Liedke Filho:

Ao mesmo tempo, a preocupação temática com os problemas sociais do Brasil contemporâneo, tais como o modelo econômico-excludente, o modelo político autoritário, os movimentos sociais urbanos e rurais, o novo movimento social, a participação e o comportamento político sob a dominância da Teoria da Dependência e a abordagem do Novo Autoritarismo caracterizam, nos níveis temático e paradigmático, a Sociologia brasileira neste período”. (LIEDKE FILHO, 2005, p. 400)

Dentro da produção da Sociologia Brasileira, destaca-se a produção de Florestan Fernandes, que conseguiu abranger uma série de questões importantes sobre a sociedade brasileira, como a inserção do negro na sociedade de classes. Também se engajou na militância política, concorrendo e legendando-se a uma vaga na Câmara dos Deputados. Seu “discípulo”, Fernando Henrique Cardoso, também ingressou na carreira política (mesmo antes que Florestan), sendo que este estudou principalmente aspectos de desenvolvimento do Brasil, fazendo parte inclusive da CEPAL.⁶

A partir da década de 1970, Liedke Filho aponta para uma grande expansão dos Grupos de Pesquisa, sendo que a Sociologia brasileira vivenciou uma passagem de análises macrosociológicas para análises microsociológicas, o que nessa fase caracterizaria uma busca por uma “nova identidade”.

⁶ A CEPAL é uma das cinco unidades regionais das Nações Unidas localizada no Chile. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento econômico da América Latina e Caribe. Conta com duas sub-regionais: uma localizada no México, outra no Caribe. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/about>.

Bastos (2013, p. 288) sugere que há grandes oportunidades para os novos cientistas sociais brasileiros, nessa fase de procura de uma nova identidade:

O mundo abre para as Ciências Sociais novos temas. Porém, outra vez, nos países onde a questão democrática chega com atraso – por exemplo o Brasil, países latino-americanos, países africanos, por vários motivos – colonialismo, escravidão, independência e abolição tardias os desafios à reflexão são maiores. Por isso, as tarefas da nossa geração de cientistas sociais que agora está se formando é ampla, importante, necessariamente criativa e deve ter base o conhecimento, a competência e principalmente o compromisso social e político. Ser cientista social hoje, como sempre, requer um inconformismo face às injustiças do mundo e o empenho com a superação. (BASTOS 2013, p. 288)

No próximo tópico, serão apresentados aspectos da Sociologia contemporânea de Jessé Souza, e suas considerações acerca das classes sociais, mas também em relação a sua crítica a sociologia pré-científica.

3.2 Jessé Souza e uma (re) interpretação da luta de classes no Brasil?

Didaticamente, a Ciência Social também encontra formas de analisar a realidade através de reflexões trazidas pela música, cinema, literatura, enfim, pelas artes em geral. Nelson Rodrigues foi um cronista de grande sucesso, e que despertava a reflexão através de seus escritos. Mas o que isso tem a ver com teoria que iremos abordar? A análise que Rodrigues faz em sua crítica esportiva, na ocasião da derrota do Brasil para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950, de certa forma, dialoga, com a crítica que Jessé Souza faz a consideração que os brasileiros têm sobre si mesmos em relação ao restante do mundo, evidenciando um colonialismo encarnado, que chamou de “complexo de vira-latas” e como essa percepção foi construída dentro da academia.

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: “o Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto:

- Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente

nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que ficou dos 2x1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que aos berros, Obdulio arrancou de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraíu” de nós o título como se fosse um dente.

E hoje, se negamos o escore de 58, não tenhamos dúvida: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas dos 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos – o escore brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder simplesmente, “não”. Mas eis a verdade:

- eu acredito no brasileiro, e o pior do que isso: eu sou de um patriotismo inatural e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: - não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma:

- temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: - “o que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente, e eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples; porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo.

O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota.

Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Nelson Rodrigues⁷

Jessé José Freire de Souza⁸ foi presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Escreveu e organizou 27 livros e mais de uma centena de artigos. Atualmente estuda teoria social brasileira, desigualdade e classes sociais no Brasil contemporâneo e ocupa o cargo de professor titular na Universidade Federal do ABC – UFABC.

A discussão central abordada pelos estudos de Souza (2000, 2003, 2004, 2009, 2015) diz respeito a sua interpretação sobre classes sociais no Brasil contemporâneo, em especial ao debate referente à ascensão social de uma “nova classe média”, a qual denomina de os batalhadores brasileiros.

Na introdução do livro *A tolice da inteligência brasileira* (2015), o autor faz a seguinte provocação:

A tese central deste livro é que tamanha “violência simbólica” só é possível pelo seqüestro da “inteligência brasileira” para o serviço não da maioria da população, mas de 1% mais rico, que monopoliza a parte do leão de bens e recursos escassos. Esse serviço que a maioria dos intelectuais brasileiros sempre se prestou e ainda se presta é o que possibilita a justificação, por exemplo, de que os problemas brasileiros não vêm da grotesca concentração de riqueza social em pouquíssimas mãos, mas sim da “corrupção do Estado” (SOUZA, 2015, p. 8).

Nesse sentido, Souza considera o poder das ideias na forma de ser agir e sentir da sociedade brasileira, primeiramente reconstruindo historicamente as teorias fundantes da Ciência Social moderna no Brasil que tem origem em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Conforme já fora visto no tópico anterior, com as considerações de Liedke Filho, a Sociologia brasileira inicialmente foi construída sob o aspecto racial. Esse período, denominado pré-científico que influenciou pensadores brasileiros, confirmou-se em

⁷ Extraído de Projeto Releituras: disponível em: http://www.releituras.com/nelsonr_viralatas.asp.

⁸ Dados coletados da Plataforma Lattes: Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4781769T1>.

Gilberto Freyre, e a partir daí a construção do “mito nacional brasileiro”, objetivando construir laços de solidariedade e união de toda a nação. Para Souza (2009, 2015), a modernidade se configura baseada na filosofia de Platão e posteriormente Santo Agostinho da superioridade da alma perante o corpo. Ou seja, tudo que é relacionado ao corpo, é inferior, tudo que é relacionado ao espírito é superior, admirável. No entanto, o mito brasileiro, foi construído sobre uma base de aclamação do corpo, sendo essa a característica mais marcante da identidade do povo brasileiro.

De acordo com Souza, as interpretações tanto de Freyre, quanto de Sérgio Buarque, estariam dentro de uma lógica colonizada, ou seja, na afirmação principalmente de Buarque que sociedade brasileira estaria no contraponto exato das sociedades centrais, pois estas seriam confiáveis e impessoais, ao passo que os brasileiros seriam pessoais e corruptos, fruto de uma “herança portuguesa”. Segundo Souza, essa tese quase não foi criticada pelas Ciências Sociais e ainda seria hegemônica, especificada por Souza (2015), na seguinte passagem:

[...]O fundamento implícito de todo o raciocínio de Buarque no seu principal livro é a oposição entre duas abstrações: o homem cordial, como tipo genérico brasileiro, e o “protestante ascético”, como seu contraponto norte americano. O homem cordial é simplesmente o corolário do mito nacional que viemos debatendo até aqui: um indivíduo emotivo que guia as escolhas por preferências afetivas e pessoais. O protestante ascético é percebido como seu contrário espetacular: um indivíduo “racional” guiado por considerações impessoais e comunitárias. (SOUZA, 2015, p.85)

Souza argumenta que o Brasil e muito especialmente São Paulo, cresceu às sombras da ideia Norte Americana, ou seja, a elite paulistana preferia equiparar-se com os Estados Unidos ao identificar-se com os compatriotas, que representavam miséria e atraso.

Um dos maiores estudiosos da modernidade, fora Max Weber, que estudou também os Estados Unidos e a ênfase da moral protestante. Autores brasileiros, como Buarque e Faoro, retiram de sua tese as considerações sobre o “patrimonialismo”, que seria uma elite, mandando e usufruindo do Estado, por isso a necessidade de eleger a corrupção, como principal problema do país, enquanto, o Mercado seria a representação da virtude. A questão central que Souza observa é que o homem cordial, pessoal, corrupto, só assume essa face quando adentra no Estado. Nesse sentido o autor argumenta:

[...]Como, de outro modo, seria possível legitimar um tipo de capitalismo tão voraz e selvagem cujo PIB representa quase 70% em ganhos de capital (lucro e juro) – que beneficiam antes de tudo, meia dúzia de grandes banqueiros e industriais – e reserva pouco mais de 30% para a massa salarial do restante dos outros quase 200 milhões de brasileiros. (SOUZA, 2015, p. 207)

Essa tese, do patrimonialismo, consciente, ou inconscientemente, teria como pano de fundo, jogar a culpa no Estado, e na “elite” que manipula este Estado, ficando na verdade encoberto todo o privilégio da minoria que retém a maior parte da riqueza do país. Outro ponto, é que a análise dos problemas do país, somente em termos econômicos, e pelos critérios somente de renda, esconde uma questão fundamental: a dominação simbólica.

No entanto, dentro da produção social brasileira, Souza identifica que é Florestan Fernandes quem percebe as transformações lentas que a nova ordem vai estabelecendo na sociedade brasileira, ou seja, desconfia da tese “pré-moderna”, pois identifica a criação da burocracia, dos serviços, profissões liberais, ou seja, sistemas de diferenciação quanto às ocupações. Nesse sentido, Florestan teria se imbuído em estudar as condições sociais, principalmente de organização familiar da população mais pobre. O que Jessé enfatiza é que Florestan foi o Sociólogo que tentou articular o conceito de *habitus* na compreensão da sociedade brasileira:

[...]Este ponto é central, pois se é a reprodução de um “*habitus* precário” a causa última da inadaptação e marginalização desses grupos, não é “meramente a cor da pele”, como certas tendências empiricistas e redutoras acerca da desigualdade brasileira tendem hoje a interpretar. Se há preconceito neste terreno, e certamente há, agindo de forma obscura e virulenta, não é, antes de tudo, um preconceito de cor, mas que se refere a certo tipo de “personalidade”, julgada como improdutiva e disruptiva para a sociedade. (SOUZA, 2015, p. 308)

De acordo com Souza, Florestan, apesar de toda sua contribuição, não conseguiu desvincular completamente sua análise da questão racial. No entanto, identificou contradições e conflitos de classe na sociedade brasileira, tema que até então era invisibilizado.

É nesse sentido, que Souza abre a discussão sobre a “meritocracia”, ou seja, o que ela esconde? O que ela esconde, seriam os “desempenhos diferenciais” entre os indivíduos de forma que estes pareçam “talentos inatos”, quando na verdade, escondem uma série de privilégios de classe. Nesse sentido, o autor aponta:

[...]As classes média e alta de uma sociedade como a brasileira não possuem apenas o mesmo privilégio de consumo de seus pares europeus e norte-americanos. No Brasil essas classes contam ainda com um verdadeiro exército de mão de obra barata, sob a forma de empregados domésticos, babás, faxineiros, porteiros, office boys, motoboys etc, que permite poupar tempo para atividades bem-remuneradas e reconhecidas além de minorar, por exemplo, a luta de gênero nessas mesmas classes, “transformada” em luta de classes invisível. (SOUZA, 2015, p. 303)

Através de estudos coletivos e empíricos, Souza (2009) vai identificar na sociedade brasileira contemporânea quatro pertencimentos de classe: a classe dominante, a classe média, a classe baixa e a “ralé”. Enquanto a primeira é a detentora do capital econômico por excelência, a classe média é a detentora do capital cultural por excelência, no entanto, não significando que não possam possuir simultaneamente os dois capitais. A classe baixa, por sua vez, é a classe que ocupa os subempregos, que não exigem incorporação de significativo capital cultural, no entanto, exigem certa conduta disciplinar, que é aprendida mesmo que de forma precária no ambiente familiar, e é chamada pelo autor de batalhadores. Já a ralé, que segundo Souza representa uma parcela significativa da sociedade brasileira, em torno de 1/3 da população, é a parcela desprovida tanto do capital econômico, quanto do capital cultural. Esse contingente de pessoas tem em comum, de acordo com o autor, uma socialização primária precarizada no ambiente familiar, que é o primeiro núcleo de aprendizado do indivíduo. Por não possuírem as disposições necessárias para a incorporação da forma de ser, agir e sentir necessárias para a competição pelas posições de reconhecimento na sociedade moderna, essa parcela da população é considerada como *desclassificada*.

Souza (2015) considera esse fator de desclassificação social, como um *habitus* precário ou seja, “um *habitus* incapaz de incorporar as disposições que perfazem a dignidade no seu sentido processual para toda a classe”. Se é o *habitus* que “faz com que as pessoas se tornem instituições feitas de carne”, e como a base da sociedade moderna são o Mercado e o Estado, portanto, instituições, a sua não incorporação, resulta de um comportamento considerado “desviante”.

Uma questão que se coloca é em relação à instituição escolar pública: esta se encontra preparada para equilibrar a disparidade da origem social dos estudantes? SOUZA (2015) considera:

[...] A instituição escolar pública - cada vez mais precária no Brasil e crescentemente também nos países ditos avançados – passa a ser marcada pela “má-fé institucional”, no sentido que Bourdieu e Foucault utilizam esse termo- de tal modo que prometem a redenção desta classe pela educação, enquanto, na verdade, possibilitam transformar, com o carimbo do Estado, e anuência de toda a sociedade o abandono social em “culpa individual” de alunos, supostamente burros e preguiçosos.” (SOUZA, 2015, p. 489-490)

Na última década, o Brasil vivenciou um ciclo próspero em relação à Economia, que configurou a ascensão social que de acordo com Souza (2015), abrangeu mais de 40 milhões de pessoas. Contudo, segundo o autor, isso ocorre somente através da renda. Jessé Souza critica ferrenhamente as análises contemporâneas que consideram estar se formando uma “nova classe média”, considerando esta classe como “os batalhadores brasileiros”⁹, mas que difere e muito da classe média tradicional.

Nos seus estudos empíricos, Souza, identifica “fronteiras”, que separam os batalhadores da “ralé”, e também da classe média tradicional. Essas disposições estariam ligadas a fontes de autoconfiança e solidariedade familiar, em que há uma participação considerável da socialização religiosa, que em estudos mais conservadores é uma dimensão negada.

Ao dialogar com Neri (2010), Pochmann (2012), Souza (2015) questiona os critérios utilizados para a análise dos dados, ou seja, por exemplo, o conceito de “classe econômica” de Neri sugere que a variável econômica, seria a única no conceito de classe, o que de acordo com o Souza “é absurdo”. Do lado de Pochmann, Souza questiona suas noções marxistas de análise, ou seja, estaria completamente desatualizado utilizar a luta de classes marxista para analisar a estrutura de classes atual no Brasil.

Para Souza, essa análise contemporânea de classes no Brasil, referente aos dois autores destacados enaltece a lógica economicista, que leva em consideração apenas faixas de renda.

[...]Onde reside, nessa discussão a cegueira dos pressupostos de análise, a “cegueira de toda forma de economicismo”? Para mim, no fato de não perceber que a faceta mais importante do “capital cultural” é o fato de ser uma “incorporação”, literalmente, “tornar-se corpo” de toda uma forma de comportar-se e agir no mundo, a qual é “compreendida por todos de modo inarticulado e não refletido.” (SOUZA, 2015, p. 537-538).

⁹ O Filme “Que horas ela volta?” retrata a condição social desta “nova classe média”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WBI5dqeohTk>.

[...]O avanço científico aqui é a superação da oposição entre corpo e espírito, e que o corpo é pensado como “matéria sem vida”, e sem “espírito”, em favor de uma concepção em que o corpo é compreendido como “um emissor de sinais” e prenhe de significados sociais. (SOUZA, 2015, p.538).

A questão elencada por Souza, em todos os seus trabalhos, remete a teoria de Pierre Bourdieu, de que o grande diferencial das classes médias, que tem elevado capital cultural, é “invisível”, ou seja, é afetivo, e são esses estímulos que farão a diferença na escola e posteriormente no mercado de trabalho. É isso que está oculto na sociedade brasileira, e que os números não mostram. É isso que legitima, na visão do autor, as classes médias se considerarem como merecedoras e com mérito individual, diferentemente dos “preguiçosos” de outras classes. Nesse sentido, que é expressa a crítica a seguir de Jessé Souza, a Neri e Pochmann:

[...]Como Pochmann (ou Neri) nem sequer põe como problema explicar a produção de seres humanos diferencialmente aparelhados pela herança familiar, que é também uma herança de classe – ou seja, a construção do “capital cultural” específica a cada classe social – para a competição social, então o pressuposto de que estamos tratando como um “sujeito genérico”, igual em todas as classes, é inescapável. Por conta disso, a investigação sobre a estrutura ocupacional não diz nada de verdadeiramente relevante a respeito da dinâmica de classes do Brasil moderno porque nada se sabe acerca de sua gênese nem de sua reprodução no tempo. (SOUZA, 2015, p. 545)

Enquanto Pochmann utiliza as a distribuição por ocupações, Neri considera faixas de renda, Souza, considera esses dados como insuficientes para compreender a realidade das classes sociais no Brasil contemporâneo.

Essa crítica metodológica que Souza levanta é extremamente importante, pois ela vai além do dado econômico, ela abrange dimensões que permitem a reprodução das desigualdades de forma que ela seja aceita sem ser questionada. No entanto, a classe média “verdadeira”, também seria usada pelo 1% que controla toda a riqueza nacional, pagando por um custo de vida caríssimo, negligenciando as desigualdades sociais das maiores do planeta, mesmo que isso custe desgraçar a vida da maior parte da população. Nisso, a “demonização” do Estado só tende a contribuir para reproduzir e acentuar o abismo entre as classes sociais no Brasil.

O domínio permanente de classes sobre outras exige que as classes dominadas se vejam como “inferiores”, preguiçosas, menos capazes, menos inteligentes, menos éticas, o que reencontramos em todas as nossas entrevistas. Se o dominado socialmente não se convence de sua inferioridade, não existe dominação social possível. (SOUZA, 2015 p. 557)

É nesse sentido que Souza vai destacar o papel do Cientista Social, pois cabe a este profissional possibilitar as pessoas que utilizem ou aprendam a utilizar o seu potencial de reflexividade e senso crítico diante do que acontece no espaço social. É essa capacidade de reflexividade que a sociedade brasileira precisa recuperar.

CAPÍTULO IV

SOBRE O CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

O presente capítulo tem por objetivo apresentar a pesquisa documental realizada neste estudo, com ênfase para a sistematização dos dados coletados no âmbito dos meios disponibilizados pela Sociedade Brasileira de Sociologia.

O tópico 4.1 é a pesquisa em si, composta de tabelas e gráficos acerca do material coletado e analisado dentro da produção sociológica do Grupo de Trabalho Estratificação Social e Desigualdade do Congresso Brasileiro de Sociologia.

A verificação empírica das provocações teóricas que foram levantadas pelo problema de pesquisa, serão apresentadas nesta sessão, em que dentro dos GT's procurou-se identificar correlações entre as teorias apresentadas e os estudos realizados principalmente sobre a classe média, e como esta vem sendo abordada pela produção sociológica contemporânea.

4.1 GT Estratificação Social e Desigualdade: uma análise de 2007 a 2017

De acordo com a Sociedade Brasileira de Sociologia – SBS¹⁰, a primeira edição do Congresso Brasileiro de Sociologia foi realizada em 1954, em São Paulo. A segunda edição do Congresso foi realizada em Belo Horizonte – MG, em 1962.

Durante os anos de 1963 e 1985 o Congresso foi suspenso em virtude da ditadura militar no país, sendo que voltou a ser realizado em 1987 na cidade de Brasília-DF. Em 1989, foi realizado na cidade do Rio de Janeiro - RJ, assim como a edição de 1991. Em 1993 foi realizado no Recife-PE. Em 1995 foi realizado no Rio de Janeiro-RJ. Em 1997 foi realizado em Brasília-DF. Em 1999 foi realizado em Porto Alegre-RS. Em

¹⁰ Dados coletados na página online da Sociedade Brasileira de Sociologia. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/2017/index.php?formulario=congressos&metodo=0&id=2>.

2001 foi realizado em Fortaleza-CE. Em 2003 foi realizado na cidade de Campinas-SP. Em 2005 foi realizado em Belo Horizonte-MG.

Sendo a proposta investigativa deste estudo analisar a última década de produção do GT Estratificação Social e Desigualdade, a partir da edição de 2007, as edições do Congresso serão apresentadas mais detalhadamente no corpo deste trabalho, até a edição de 2017.

O Congresso Brasileiro de Sociologia, referente à edição de 2007, foi realizado na cidade de Recife, Estado do Pernambuco. Ao todo, foram apresentados 707 trabalhos divididos em 30 GT's. O Grupo de Trabalho Estratificação e Desigualdades Sociais, objeto de análise deste estudo, contou com a apresentação de 20 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destacando-se que para a obtenção destes dados foram analisados os resumos e os trabalhos completos do GT, disponibilizados na plataforma digital da SBS:

Quadro 1: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2007 do Congresso Brasileiro de Sociologia

Título do trabalho	Instituição	Conceitos	Teorias	Método
Gestão feminina nas ruas soteropolitas: como mães de famílias de rua comandam a mendicância nas sinaleiras da capital baiana	UEB, UFB	Pobreza, gestão feminina	Funcionalista	Qualitativo Etnográfico
A participação como fator determinante para a promoção de uma nova concepção de política pública	UFPE	Participação, articulação	Desenvolvimento/ Urbanização	Qualitativo
Segregação ocupacional <i>versus</i> discriminação salarial por gênero no mercado de trabalho Brasileiro – 2004	IUPERJ	Segregação ocupacional	Desigualdade de gênero no trabalho	Quantitativo, Banco de dados PNAD
Desigualdades de classe e desigualdades espaciais	UFRJ, USP	Trajetória, segregação geográfica	Urbanização de desigualdade sócio-espacial	Quantitativo Cartográfico temático
Discutindo determinantes do trabalho de crianças e adolescentes no Brasil	UFMG	Trabalho infantil,	Modernização	Quantitativo Banco de

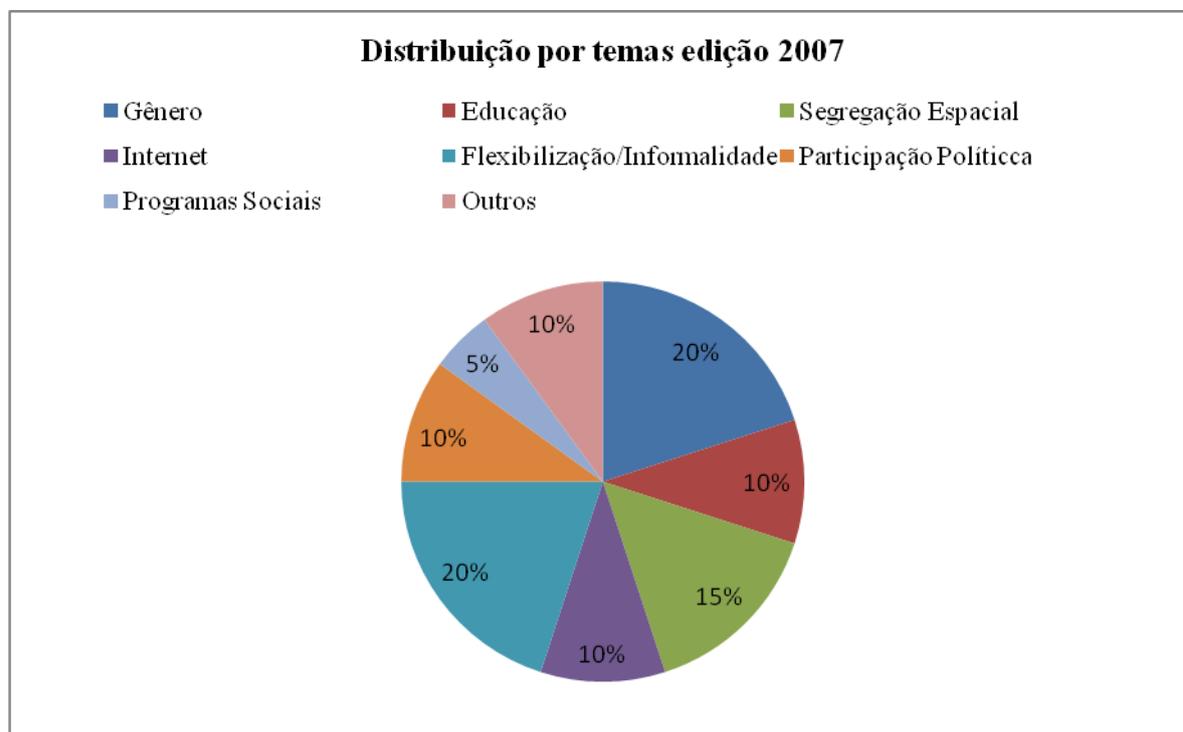
1988 – 1992 – 1996 e 2002		informalidade		dados PNAD
Contextualizando a empregabilidade no Brasil: o papel do campo social	UFMG	Flexibilização, empregabilidade	Capital Social	Quantitativo Banco de dados PNAD
Saberes tradicionais utilizados pelos trabalhadores rurais assentados em Minas Gerais	UFV, UFpel, UFV	Saberes tradicionais	Ciência pós-moderna	Qualitativo Questionário
Composição ocupacional por gênero, associação a sindicatos e desigualdades de rendimentos do trabalho no Brasil	UFMG, IUPERJ	Segregação ocupacional	Desigualdade de gênero	Quantitativo Banco de dados PNAD
Desigualdades de acesso a internet no Brasil	IBICT – UFF	Sociedade em rede Conectividade complexa	Globalização Capital cultural	Quantitativo Banco de dados IBGE- PNAD
Pobreza e voto: comportamento do eleitor de menor renda nas eleições para vereador em Pelotas, 2004	UFpel	Comportamento eleitoral, Distritalização	Desigualdade sócio-espacial	Quantitativo Cartográfico e dados TER
Exclusão social e marginalidade: pontos comuns e divergentes entre os conceitos	UNICAMP	Exclusão social, Marginalidade	Estrutural-funcionalismo	Qualitativo Bibliográfico
Globalização e desigualdades sociais: uma análise de discursos jornalísticos	UFPE	Exclusão social e virtual	Globalização	Qualitativa documental
Observação sobre espaço social e capital cultural. Evidências de Belo Horizonte	UFMG, IUPERJ	Habitus Espaço social	Capital cultural	Quantitativo Banco de dados PRMBH
O SUAS (Sistema único de Assistência Social) e a universalização da renda social mínima no Brasil	CUML	Políticas de transferência de renda	“nova questão social” Castells	Qualitativo Documental
As condições de vida dos jovens da periferia de Uberlândia	UFU	Segregação espacial	Modernização/ urbanização	Qualitativo Questionário
Crédito rural e relação de gênero na agricultura familiar	UFRPE, UFPE	Papel social Ator social	Desigualdade de gênero	Qualitativo Bibliográfica e Entrevista
Igualdade de chances entre grupos como critério de equidade em educação	IUPERJ	Igualdade de oportunidades	Equidade educacional	Qualitativo Bibliográfico

O que ser aos trinta? Aspirações ocupacionais de jovens, negros e brancos, na cidade de Belo Horizonte	UFMG	Habitus, estigma	Democracia racial	Quantitativo Banco de dados CRISP
Espaços de participação e escolarização de trabalhadores rurais: construção ou destituição do direito à educação no campo?	UFC	Participação, escolarização	Democracia	Qualitativo Entrevista Observação participante
Novas desigualdades? TICs e Gênero: o caso da internet	UFRJ	Exclusão virtual, TICs	Globalização	Quantitativo Banco de dados PNAD
Total de trabalhos	20			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

O gráfico a seguir tem por objetivo apresentar como se distribuíram os temas referentes a esta edição do Congresso:

Gráfico 1: Distribuição por temas edição 2007



Fonte: elaboração própria

A análise dos trabalhos desta edição do GT, Estratificação e Desigualdades Sociais, conforme já mencionado, contou com a apresentação de 20 trabalhos. Uma

subdivisão feita por áreas destacou uma maior concentração de trabalhos nas áreas de Gênero e Flexibilização/Informalidade. Na expectativa de fazer um recorte sobre a classe média, no caso sobre “a nova classe média”, constatou-se que nenhum trabalho abordou a temática em específico, embora Marcio Pochmann tenha sido citado em três trabalhos e Jessé Souza em um trabalho. O conceito de *habitus* de Bourdieu foi citado em dois trabalhos. Em termos de utilização de métodos de pesquisa, observou-se que 50%, utilizou método quantitativo e 50%, utilizou método qualitativo nas análises dos dados.

A edição do ano de 2009 do Congresso Brasileiro de Sociologia foi realizada na cidade do Rio de Janeiro – RJ. Ao todo foram apresentados 835 trabalhos divididos em 31 GT's. O GT Estratificação e Mobilidade Social, que foi objeto desta investigação, contou com a apresentação de 25 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destacando-se que para a obtenção destes dados foram analisados os resumos e os trabalhos completos do GT, disponibilizados na plataforma digital da SBS:

Quadro 2: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2009 do Congresso Brasileiro de Sociologia

Título do trabalho	Instituição	Conceitos	Teorias	Método
A Nova Pobreza na América Latina (AS): interpretação sócio-econômica e metodológica	UNESP	Pobreza	Globalização Centro x periferia	Quantitativo
Impactos psicossociais da pobreza	PUC-RS, UFRGS	Pobreza Emancipação	Representaç ões sociais Pós-colonial	Qualitativo Entrevistas, Círculos de Cultura
Desigualdade social e meio ambiente: dois aspectos do mesmo processo de desenvolvimento	UNESP	Pobreza Meio ambiente	Pós-moderna	Qualitativa Bibliográfica
Política de Assistência Social: instrumento para garantia de direitos ou para gerar dependência?	PUC-SP	Autonomia	Clientelismo Paternalismo	Qualitativa Entrevista, observação participante
Nativos e “De Fora”: padrões de inserção e integração entre grupos	UNICAMP	Violência simbólica,	Modernizaçã o	Qualitativo Entrevista

sociais do interior paulista		atitude blasè, estigma		Etnografia
Estratégias de sobrevivência e construção de sociabilidade entre moradores de rua de João Pessoa – PB	UFP	Estigma Violência simbólica	Sociologia das emoções, do reconhecime nto, do cotidiano e da cultura	Qualitativo Etnográfico Entrevistas
Transição da Escola para o trabalho e estratificação social	IUPERJ	Flexibilização, especialização	Trabalho pós- industrial	Qualitativo Documental
Análise de conexões entre capital social e pobreza em território de alta vulnerabilidade social	EG/FJP – MG, UFMG	Pobreza	Capital social, Capital cultural	Quantitativo Banco de dados PNAD
Hiato salarial de gênero no setor público brasileiro no período de 1992-2006	UNICAMP	Hiato salarial	Desigualdad e de gênero	Quantitativo Banco de dados PNAD
Jovens e o acesso ao mercado de trabalho: uma análise longitudinal	UFMG	Flexibilização, trabalho formal, informal e desocupação	Capital cultural Globalização	Quantitativo Banco de dados PNAD
Políticas de inclusão e (de) Salvação: estratégias católicas de inclusão e mobilidade social	UFRJ	Empoderamen to, protagonismo, exemplaridade	Teologia da Libertação	Qualitativo Entrevistas
Cadastro único: um olhar sobre as famílias pobres no Brasil	Técnicos do MDCF, PNUD, Ipea	Pobreza	Políticas de transferência de renda	Quantitativo Banco de dados MDS e PNAD
A queda da desigualdade de renda no Brasil e as transformações no mercado de trabalho	IUPERJ	Classe Ocupações	Micro classe Macro classe	Quantitativo Banco de dados PNAD

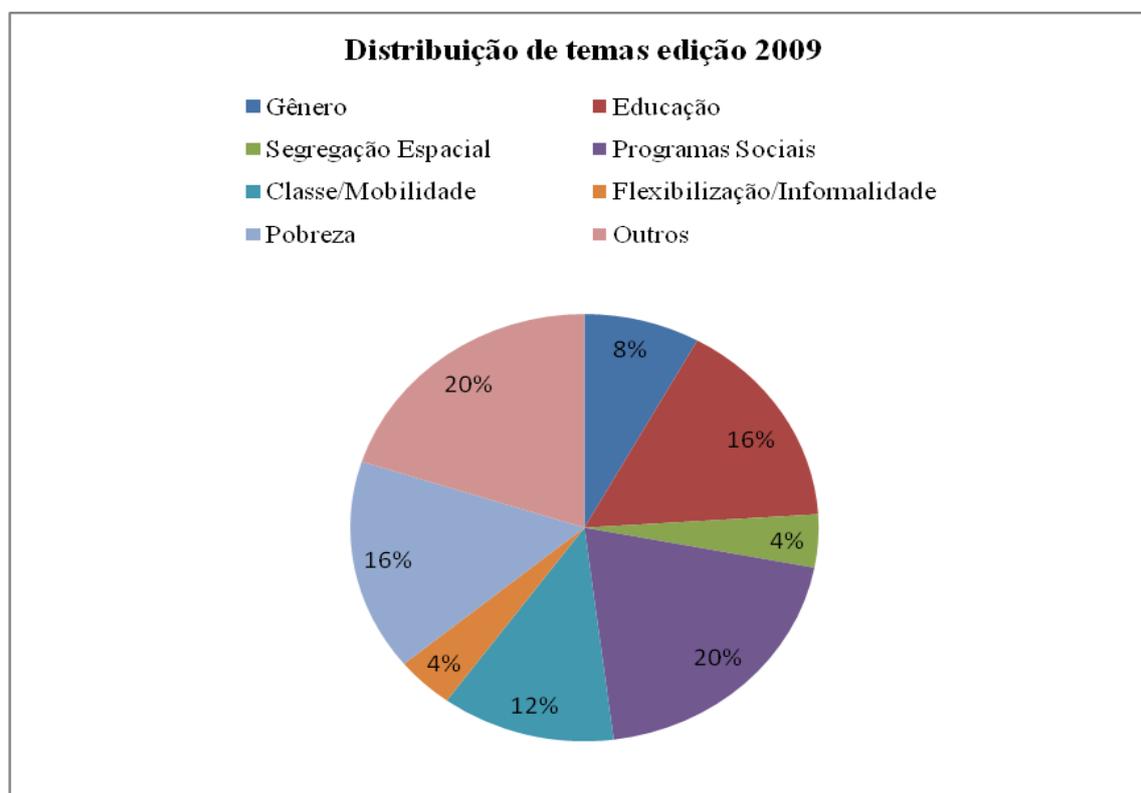
Percepção das desigualdades socioeconômicas: estudo sobre jovens universitários em Porto Alegre - RS	UFRGS	Proposta de combate a desigualdade ortodoxa e heterodoxa	Sociologia do conhecimento	Qualitativo SPSS
Determinantes da escolarização: o efeito da raça no Nordeste Brasileiro (1995-2007)	FUNDAG	Trajatória escolar, Escolarização	Teoria da reprodução	Quantitativo Banco de dados PNAD
(I) Mobilidade social pela via do Ensino Superior	PUC – RJ	Modernidade reflexiva	Teoria da reprodução social	Quantitativo Banco de dados INEP
Discrepâncias de gênero no valor econômico da Educação	FAPEMIG	Valor econômico da educação	Desigualdade de gênero	Quantitativo Banco de dados PNAD/I BGE
Efeitos do capital humano por raça e gênero nas chances de acesso às posições da estrutura de classe brasileira	FAPEMIG	Capital humano	Teoria da reprodução social	Quantitativo Banco de dados PNAD/I BGE
Família, trabalho e acesso ao Programa Bolsa Família no Brasil urbano em 2016	PUC – MG	Ocupações Mobilidade social	Políticas de transferência de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD
A economia solidária e as desigualdades	UNISINOS, UFSC	Economia informal	Economia solidária	Quantitativo Banco de dados MNES
A distribuição das transferências, público-alvo e cobertura BPC	TCU – Ipea	Benefícios de prestação continuada	Políticas de transferência de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD, MDS E Censo 2000
Espaço urbano e desigualdade social: efeito vizinhança e oportunidades educacionais	UFRJ	Segregação urbana, desigualdade espacial	Geografia das oportunidades, Reprodução	Quantitativo Banco de dados IBGE
Análise da história de vida dos primeiros imigrantes sírio-libaneses e	PUC – SP	Imigração Histórias de	Trajórias sociais	Qualitativo Documental

sua trajetória no Brasil		vida		
Classe, raça e educação: o que influencia a mobilidade social no Brasil	IUPERJ	Classe, raça, mobilidade social, oportunidade	Mobilidade intergeracional	Quantitativo Banco de dados PNAD
Habitus e Agricultores assentados	UFRRJ	Habitus, subcidadania	Teoria da reprodução	Qualitativo Entrevistas
Total de trabalhos	25			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

Na seqüência apresenta-se o gráfico em relação às temáticas exploradas nos trabalhos do referido GT:

Gráfico 2: Distribuição de temas edição 2009



Fonte: elaboração própria

De acordo com o já apresentado, o GT Estratificação e Mobilidade Social, teve ao todo 25 trabalhos apresentados. Destes, destaca-se considerável produção sobre Programas Sociais, Educação e Pobreza, inclusive um trabalho faz referência a uma “nova pobreza”. Marcio Pochmann e Marcelo Neri são citados em dois trabalhos cada, assim como Jessé Souza, também é citado duas vezes. O conceito de *habitus* de

Bourdieu aparece em dois trabalhos, sendo que um deles aborda a noção de *habitus* precário de Souza.

Em relação à metodologia empregada, 60% dos trabalhos (15), utilizaram a metodologia quantitativa, enquanto 40% dos trabalhos (10), utilizaram a metodologia qualitativa.

A XV edição do Congresso Brasileiro de Sociologia foi realizada em Curitiba – PR, no ano de 2011. Ao todo, foram apresentados 516 trabalhos divididos em 32 GT's. O GT analisado, Desigualdade e Estratificação Social contou com a apresentação de 13 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destacando-se que para a obtenção destes dados foram analisados os resumos e os trabalhos completos do GT, disponibilizados na plataforma digital da SBS:

Quadro 3: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2011 do Congresso Brasileiro de Sociologia

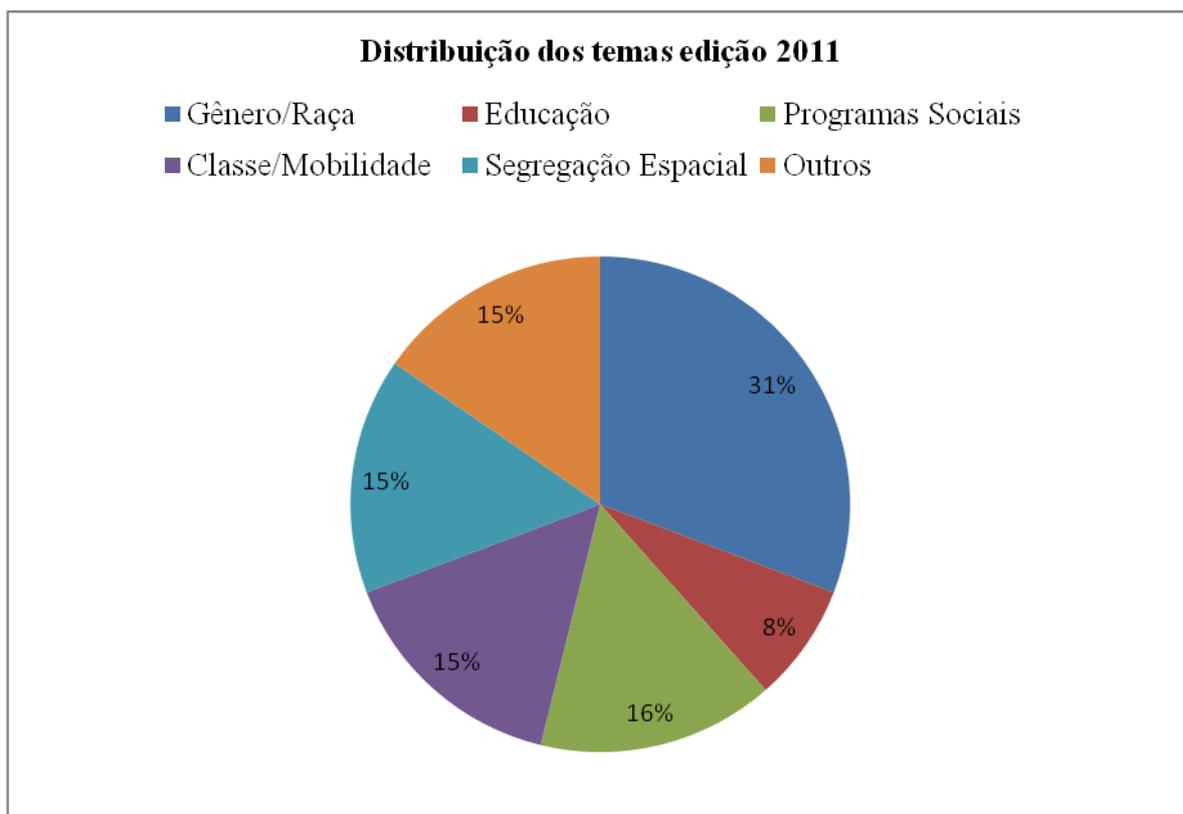
Título do trabalho	Intituição	Conceitos	Teorias	Método
Ensino Médio Técnico: análise preliminar das desigualdades de oportunidades entre os jovens brasileiros	IESP/UERJ	Trajetórias educacionais e ocupacionais	Teoria da reprodução	Quantitativo Banco de dados PNAD
Estado e Ong's no combate às desigualdades: perspectivas dos participantes de Projetos Sociais	UFRJ, UFFRJ	Ong's, projetos sociais	Responsabilização do Estado	Qualitativo Grupo focal
Famílias ameaçadas: um olhar sobre a política social brasileira	FTI	Família Infância	Políticas de transferência de renda	Qualitativo Grupo focal
Interação entre posição de classe gerencial e associativismo na determinação salarial	UFT, UFMG	Posição de classe diferencial	Capital humano Reprodução social	Quantitativo Questionário
O padrão excludente da urbanização brasileira: o caso do Bolsão Audi-União em Curitiba – PR	UFPR	Urbanização Direito à cidade	Desigualdades sócio-espaciais	Qualitativo Documental
A mobilidade social do negro no Rio Grande do Sul: os efeitos da	FURG	Ciclo de desigualdade	Teoria da reprodução	Quantitativo Banco de

discriminação racial		s acumulativas	social	dados PNAD
Pobreza e segregação: permanência e expressão do tradicional desigualdade no Brasil – “Grande Vitória”	UFES	Alterações sócio-espaciais	Modernização	Qualitativo Documental
Dimensões da desigualdade sob o olhar dos usuários da política de assistência social	PUC – MG	Pobreza	Políticas de transferência de renda	Qualitativo Grupo focal
A sub-representação política da mulher nas eleições municipais majoritárias de 2004 e de 2008	IBGE	Subrepresentação feminina	Desigualdade de gênero	Quantitativo Banco de dados TSE
Capital Social e desenvolvimento: pesquisa piloto com 2 casos comparados	UFRGS	Associativismo Mobilidade social	Capital social	Quantitativo Questionário Qualitativo Documental
Determinantes das aspirações ocupacionais: raça, gênero, classe e trabalho	UFMG	Aspirações ocupacionais	Interacionismo simbólico	Quantitativo Banco de dados CRISP
Mulheres negras estão ausentes nos cargos de chefia: Racismo Institucional?	UNESP	Racismo institucional	Desigualdade de gênero Democracia racial	Qualitativo Documental
A genealogia com metodologia de análise das estruturas de desigualdade e estratificação social	UFPR	Genealogia de classe riqueza	Estado-sociedade Patrimonialismo	Qualitativo Antropologia
Total de Trabalhos	13			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

Na seqüência apresenta-se o gráfico com os principais temas abordados pelos trabalhos do referido GT:

Gráfico 3: Distribuição de temas na edição 2011



Fonte: Elaboração própria

Ao analisar o referido GT, constatou-se que dos 13 trabalhos apresentados o maior percentual temático referiu-se a Gênero/Raça (31%) seguido por Programas Sociais (16%). Um trabalho mencionou o conceito de *habitus*, e dois trabalhos citaram Jessé Souza. Em termos metodológicos, 8 trabalhos utilizaram o método qualitativo e 6 trabalhos utilizaram método quantitativo. Ressalta-se que um trabalho utilizou as duas metodologias.

O XV Congresso Brasileiro de Sociologia foi realizado em Salvador – BA. Essa edição do Congresso contou com a apresentação de 1427 trabalhos, divididos em 37 GT's. o GT Desigualdade e Estratificação Social, contou com a apresentação de 24 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destaca-se que esta edição do Congresso Brasileiro de Sociologia, não teve os trabalhos disponibilizados na versão digital, sendo os trabalhos analisados através dos resumos contidos em versão impressa:

Quadro 4: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2013 do Congresso Brasileiro de Sociologia

Título do Trabalho	Instituição	Conceitos	Teorias	Método
Desigualdade, estratificação e escolha no mercado informal	UFRJ	Trabalho informal	Modelo neo-weberiano	Quantitativo
30 anos de desigualdade de renda no Brasil	USP, UFMG, UERJ	Credenciais educacionais	Desigualdade de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD
Educação e Mercado de trabalho regional no Brasil: uma análise das três últimas décadas	UFMG	Retornos educacionais	Teoria da reprodução	Quantitativo Banco de dados PNAD
Efeito do compartilhamento de recursos através do casamento sobre a determinação da riqueza no Brasil	UNB	Riqueza Matrimônio	Desigualdade de renda	Qualitativo
Evolução da pobreza no Brasil: uma análise sociológica do período de 2002-2011	UFJF	Pobreza	Paradigma da renda associado à pobreza absoluta	Quantitativo Banco de dados PNAD
Classe social e desigualdade nas condições de vida	UFMG	Condições de vida	Posição de classe	Quantitativo Banco de dados PNAD
Migração e transmissão intergeracional do status socioeconômico no Brasil	UFMG	Transmissão intergeracional do status socioeconômico	Migração	Quantitativo Banco de dados PNAD
Pobreza e mobilidade de renda nas regiões metropolitanas	UNICAMP	Pobreza Mobilidade social “Nova classe média”	Políticas de transferência de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD/IBGE
O povo visto pelas elites: repertórios e fronteiras simbólicas da desigualdade brasileira	UFRJ	Povo Elite	Poder simbólico	Qualitativo Entrevistas
Ciclos de vida polarizados? Desigualdade em saúde, posição socioeconômica e envelhecimento no Brasil	UERJ	Saúde e bem-estar	Teorias do Ciclo de vida	Quantitativo Banco de dados PNAD

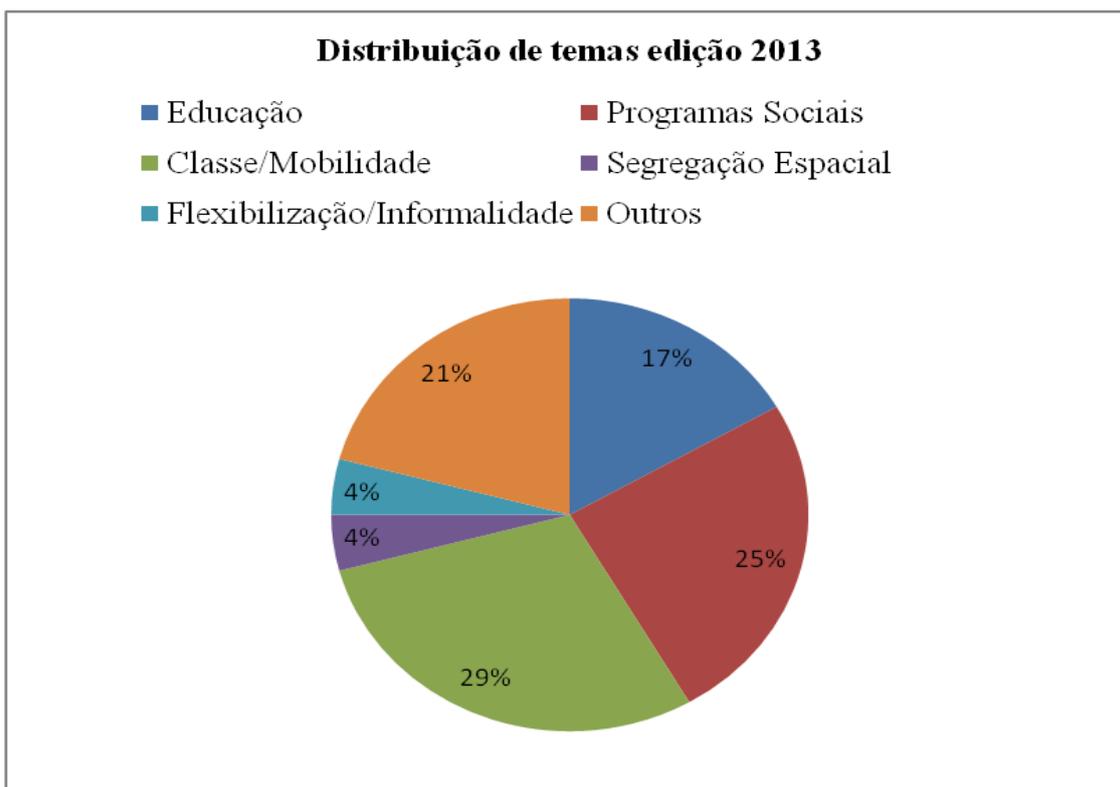
A competição política democrática reduz a desigualdade econômica? Uma aplicação de regressão quantílica	USP	Cidadania igualitária	Democracia	Quantitativo Regressão quantílica
Evolução das desigualdades educacionais no ensino médio brasileiro	IBGE	Oportunidades educacionais Capital cultural	Teoria da Reprodução	Quantitativo Banco de dados PNAD
Efeitos diferenciais entre tipos de inserção no mercado de trabalho sobre a progressão escolar	UNB	Progressão escolar	Globalização	Quantitativo Banco de dados
Déficit e inadequação habitacional 2008: uma análise para indivíduos com restrição de atividade	FJP	Cálculo do déficit habitacional	Políticas habitacionais	Quantitativo Banco de dados PNAD
Quem é a classe média no Brasil? Um estudo sobre identidade de classe	UFRJ	Classe média	Identidade de classe	Quantitativo o Banco de dados CESOP Qualitativo Entrevista
A trajetória do BPC para pessoas com deficiência	IFSULDEMI NAS	Cidadania Elegibilidade do benefício	Políticas Sociais	Qualitativa Bibliográfica Documental
Trabalho decente e inclusão social: a inserção da pessoa com deficiência visual no mercado de trabalho como afirmação de sua cidadania	UFF	Trabalho decente	Políticas de inserção de pessoas com deficiência	Qualitativa Documental
Impacto das políticas sociais e queda da desigualdade: contribuições do Programa Bolsa Família	UNEMAT	Pobreza	Políticas de transferência de renda	Quantitativo Banco de dados mds, pbf e pnad Qualitativo Documental
Da exclusão beneficiada à busca de qualificação inclusiva: o beneficiário e a beneficiária do Programa bolsa família e a adesão ao programa de	PUC- MINAS	Qualificação profissional	Políticas de transferência de renda	Qualitativo Banco de dados secundário

qualificação próximo passo				
A classe social na teoria contemporânea	UNIFESP	Classe social Fim das classes sociais	Guinada cultural, Sociedade pós-industrial	Qualitativo Bibliográfica
Segregação socioespacial e mobilidade cotidiana na periferia de Natal	UFRN	Mobilidade Segregação sócio-espacial	Capital social	Qualitativa
O programa de assistência estudantil na perspectiva da permanência, formação e emancipação sócio-educativa - disjunções do ideário do trabalho	IFRJ	Permanência Formação Emancipação	Capital cultural	Qualitativa Documental
A estratificação social em Moçambique: contribuição sociológica para a construção de uma tipologia de classes sociais	UP	Tipologia de classe	Clássica, Neomarxista	Qualitativo Documental
Raça, classe e estratificação social: revisitando o debate	IFG	Classe	Desigualdade racial	Qualitativo Documental Bibliográfica
Total de Trabalhos	24			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

Na seqüência será apresentado o gráfico de acordo com a distribuição de temas no interior deste GT:

Gráfico 4: Distribuição de temas na edição 2013



Fonte: elaboração própria

Inicialmente, deve-se ser feita uma ressalva em relação a esta edição do Congresso, pois todos os trabalhos estão sob a forma de resumos, no livro dos anais do evento. Nesse sentido, a apropriação foi feita pelas informações que constam nos resumos. Identificou-se, nesse sentido, que a maior parte dos trabalhos elenca Classe/Mobilidade Social, seguido por Programas Sociais. A “nova classe média” foi citada diretamente como objeto de análise em dois trabalhos.

A XVII edição do Congresso Brasileiro de Sociologia realizou-se na cidade de Porto Alegre- RS. Não é possível afirmar exatamente o total de trabalhos apresentados no evento, pois o site da SBS não fornece todos os dados. O GT Desigualdade e Estratificação Social, analisado neste estudo, contou com a apresentação de 26 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destacando-se que para a obtenção destes dados foram analisados os resumos e também os trabalhos completos, no entanto ressalta-se que apesar de todos os trabalhos estarem disponíveis alguns não continham a versão completa, apenas o resumo.

Quadro 5: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2015 do Congresso Brasileiro de Sociologia

Título do Trabalho	Instituição	Conceitos	Teorias	Método
Desigualdades de rendimento no trabalho no longo e no curto prazo: tendências de idade, período e coorte	USP	Efeitos de idade Efeitos de período	Desigualdade de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD
Instituições, classes sociais e polarização: a dinâmica da desigualdade de renda no mercado de trabalho brasileiro de 1981 a 2011	USP	Classe social	Neoweberiana Neomarxista	Quantitativo EPC
Desigualdade de renda: a escolaridade em questão	UFRJ	Família Habitus	Patrimonialismo	Qualitativo Genealogia Trajetória
Os limites e as possibilidades teóricas das contribuições de Amartya Sen à discussão das desigualdades sociais	UNIR	Emprego doméstico Patriarcado	Reprodução do capitalismo	Quantitativo Banco de dados PNAD/IBGE
Diferentes desigualdades, diferentes ricos: uma revisão da literatura internacional sobre a evolução e os determinantes de renda dos ricos	UNB	Riqueza	Séries históricas (Piketty)	Qualitativo Bibliográfica
Evolução dos indicadores e chances de pobreza e riqueza no Brasil: análise sociológica do período de 2004-2013	UFJF	Pobreza Riqueza Classes sociais	Neomarxista	Quantitativo Banco de dados PNAD
Para além da educação superior: origem x capital humano na explicação do alcance de prestígio e renda no mercado de trabalho	UFMG	Prestígio Transmissão intergeracional	Funcionalismo Reprodução social	Quantitativo Questionário
Impactos da crise econômica na pobreza: os casos de Argentina, Brasil e México	UERJ	Pobreza	Capitalismo centro x periferia	Qualitativo Documental
Interação social e	UERJ	Associação	Neoweberiana	Quantitativo

estratificação: uma escala de status relacional para o Brasil		diferencial Status relacional		Banco de dados PDSB
Mensurando a estratificação social por status no Brasil: uma escala de proximidade social criada a partir dos dados da PNAD (IBGE)	PUC – RS	Status ocupacional	Neoweberiana	Quantitativo Banco de dados PNAD/IBGE
Usos do tempo e educação entre crianças e adolescentes: comparação entre as pesquisas de Belo Horizonte e Juiz de Fora	UFJF	Tempo	Capital cultural	Qualitativo Questionário
Organização liminar: a forma intersticial das organizações sociais marginais	PUC – SP	Liminaridade Comunitas Marginalidade	Capitalismo tardio	Qualitativo Bibliográfico
Crixás (GO): baixo desenvolvimento humano no município-sede de uma das minas de ouro mais produtivas do Brasil	UFG	Pobreza Precarização	Mineração X Melhoria da qualidade de vida	Qualitativo Documental
Arranjos domiciliares e sucesso educacional: deixar o ninho contribui para a transição do ensino superior para o mercado de trabalho	UNB	Sucesso ocupacional Arranjos familiares	Capital Social Capital cultural	Quantitativo Banco de dados PNAD/IBGE
Efeitos da origem social sobre a escolaridade	IESP	Efeitos de origem Oportunidades	Trajetória Social	Qualitativo Documental
Mapeamento ocupacional de gênero: uma comparação entre as Regiões Metropolitanas Brasileiras	UFRN	Grupos ocupacionais	Desigualdade de gênero	Quantitativo Banco de dados IBGE/PME
Panorama do emprego doméstico no Brasil. É possível afirmar o desaparecimento da ocupação?	UFMG	Emprego doméstico	Desigualdade de Gênero	Quantitativo Banco de dados PNAD/IBGE
Desigualdade racial de renda entre empregadores (as) no Brasil	UFG	Discriminação racial	Desigualdade racial	Quantitativo Banco de dados PNAD

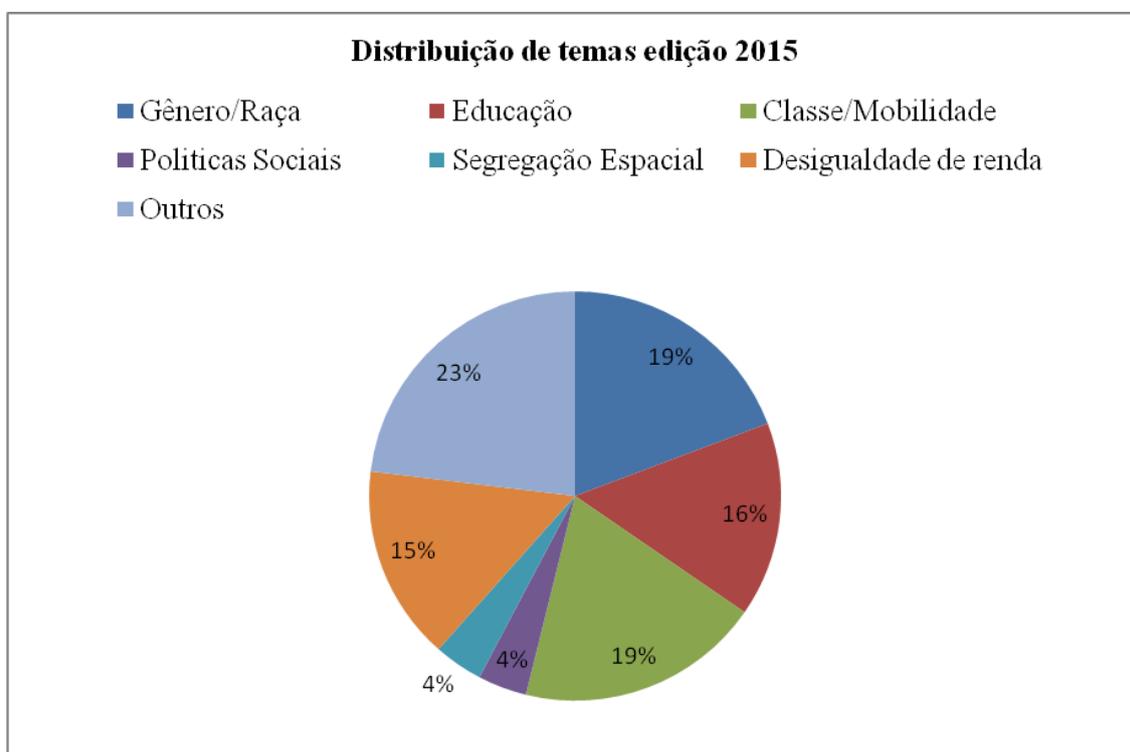
Efeitos da desigualdade de renda e do Produto Interno Bruto no nível de bem-estar dos estados brasileiros	UFMG	Renda relativa	Desigualdade de renda	Quantitativo Banco de dados PNAD
Felicidade Interna Bruta - Conceitos e aplicação na Universidade Federal do ABC – 2014	UFABC	Felicidade interna bruta	Desenvolvimento sustentável	Qualitativo Questionário
Famílias Políticas, Desigualdade e Estratificação Social no Brasil contemporâneo	UFPR	Família	Estrutura de Parentesco	Qualitativo Genealogia
Os efeitos da política social do Programa Bolsa Família para a redução da pobreza e a nova compreensão das práticas de Welfare State	PUC – SP	Welfare state	Políticas de transferência de renda	Qualitativo Documental
Arranjos familiares na Região Metropolitana de Curitiba: características das unidades domésticas nos anos 2000 e 2010	IPARDES	Família	Arranjos domiciliares Familiares	Quantitativo Banco de dados IBGE
Entre a integração e a formação do capital de mobilidade: as práticas sociais de imigrantes brasileiros e os esquemas de estratificação no Québec (Canadá)	UTFPR	Integração de imigrantes capital de mobilidade	Capital cultural	Qualitativo Questionários Entrevistas
“Eu quero, eu posso”? Narrativas de empreendedorismo e experiência de implementação do Programa de Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco	UFPB	Precarização empreendedorismo	Desigualdade de gênero	Qualitativo Entrevista

Mobilidade social sem mobilidade espacial: uma análise dos mundos sociais da “nova classe média” e transformações no espaço urbano em campina grande (PB)	UFCG	Nova classe média	Capital simbólico	Qualitativo Documental Entrevista
Total de trabalhos	26			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

O gráfico a seguir demonstra a distribuição dos temas abordados neste GT:

Gráfico 5: Distribuição de temas na edição 2015



Fonte: elaboração própria

Ao analisar o GT Desigualdades e Estratificação, realizado em 2015, observou-se uma dispersão maior de temas, no entanto, a temática Gênero/Raça e Classe/Mobilidade tiveram mais destaque. Esse GT contou com o resumo expandido de 18 trabalhos, ou seja, oito trabalhos foram analisados apenas pelo resumo, o que dificulta um pouco saber de forma geral a utilização dos conceitos. Dois trabalhos citaram o conceito de *habitus*. Dentro dos estudos identificados em classe e mobilidade, foi identificado um estudo sobre a “nova classe média”, sendo que nesse GT, de acordo

com os trabalhos que foi possível visualizar as referências, dois citaram Souza, dois citaram Neri e um citou Pochmann. Em relação às metodologias empregadas, 50% dos estudos foram realizados pelo método quantitativo e 50% pelo método qualitativo.

O Congresso Brasileiro de Sociologia na edição de 2017 realizou-se em Brasília – DF. Ao todo foram apresentados 955 trabalhos abrangendo todos os GT's. Em relação ao GT Desigualdades e Estratificação: analisando sociedades em mudança, objeto de análise deste estudo, contou com a apresentação de 17 trabalhos.

Na seqüência será apresentada a compilação dos trabalhos, principais conceitos, teorias e métodos utilizados, destacando-se que para a obtenção destes dados foram analisados os resumos e também os trabalhos completos, no entanto ressalta-se que apesar de todos os trabalhos estarem disponíveis alguns não continham a versão completa, apenas o resumo.

Quadro 6: GT Estratificação Social e Desigualdade, edição 2017 do Congresso Brasileiro de Sociologia

Título do Trabalho	Instituição	Conceitos	Teorias	Método
Industrialização, políticas de bem estar e fluidez social no Brasil: de 1973 a 2014	UFMG, UFRN	Mobilidade social Oportunidades	Estado de bem estar social	Quantitativo Banco de dados PNAD
Classes médias e classes baixas: uma correlação entre a dinâmica da desigualdade de renda e das classes entre a base e o meio da pirâmide	IESP	Diferença ocupacional	Neoweberiana	Quantitativo Banco de dados PNAD
A nova classe média no Brasil do século XXI: um balanço bibliográfico	UNICAMP	Classe média	Classes sociais	Qualitativo Bibliográfico
Desigualdade de rendimentos por raça e sexo no mercado de trabalho brasileiro: uma comparação entre empregados/as, empregadores/as e “conta própria”	IFG	Disparidade Salarial	Desigualdade de renda e gênero	Quantitativo
Segregação ocupacional e desigualdade de raça e gênero no Brasil, 1996 – 2014	UFMG	Segregação ocupacional	Desigualdade de gênero e raça	Quantitativo Banco de dados PNAD

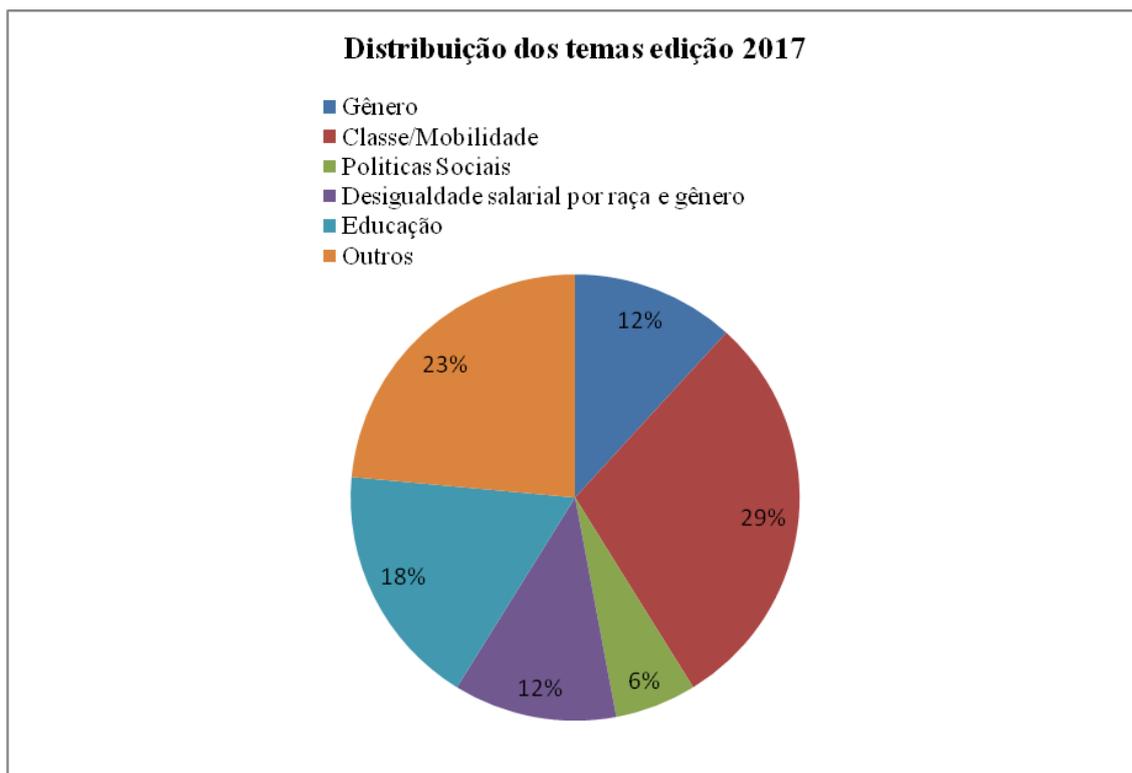
Estratificação social e ensino superior no Brasil em 2003 e 2013	PUC- MG	Escolarização	Democratização do Ensino Superior	Quantitativo Banco de dados PNAD
Expectativa dos professores e “mismatch” racial na educação básica brasileira	UFRJ	“Mismatch” Disparidades raciais	Desigualdades raciais	Quantitativo Banco de dados Prova Brasil
Infância, adolescência e usos do tempo: um estudo sobre desigualdade social	UFJF	Tempo	Capital cultural	Quantitativo Banco de dados
Classe social, Espaço, Gênero e Desigualdade de Saúde no Brasil	UFJF	Classe social	Desigualdade espacial, gênero	Quantitativo
Tendências da seletividade marital por educação no Brasil (1960-2010)	IESP	Seletividade marital	Reprodução social	Quantitativo Censo demográfico
O sertão se apropriou para a vida? – Impacto das políticas nas estratégias de reprodução social dos agricultores camponeses em Petrolina/PE	UENF	Projeto de vida	Programas sociais	Qualitativo
Alimentação e classe social: uma investigação sobre a formação e reprodução de fronteiras simbólicas no campo do consumo alimentar	USP	Classe social	Capital cultural Capital social	Quantitativo Banco de dados POF
Aparência de classe: classificação da aparência de anônimos e hierarquias do cotidiano	UFG	Classe social Nova classe média	Capital cultural Capital social	Qualitativo Questionário Entrevista
Renda e vergonha: dimensões psicossociais da pobreza	UNB	Pobreza	Desigualdade de renda	Quantitativo PDS/ PNAD
Casamento igualitário e normatização familiar no Brasil e na Argentina: uma perspectiva comparada	UFRJ, IBGE	Casamento igualitário	Políticas LGBT	Quantitativo Comparativo
Gênero e mudanças sociais: trajetórias de mulheres em Cunha (SP)	UFRRJ, CPDA	Igualdade de gênero	Desigualdade de gênero	Qualitativo Entrevista
“Eu sozinha era mais fácil”: análise do contexto social de mulheres que	UCB	Mobilidade social	Desigualdade de renda	Quantitativo PDS

tiveram seus filhos abrigados		Pobreza		
Total de trabalhos	17			

Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia – elaboração da autora

O gráfico a seguir tem por objetivo apresentar a distribuição de acordo com os temas abordados pelos pesquisadores no GT:

Gráfico 6: Distribuição de temas na edição 2017



Fonte: elaboração própria

De acordo com a apresentação da distribuição das temáticas elencadas nesta edição do Congresso, constatou-se que a maior parte dos trabalhos elencou Classe/Mobilidade, dentro desse percentual, identificou-se que dos 17 trabalhos apresentados três trabalhos trouxeram o tema da “nova classe média”. A disponibilização dos trabalhos na sua forma completa contemplou apenas 12 trabalhos, ficando, dessa forma, 5 trabalhos para análise apenas de resumo. Dentro dos trabalhos completos e resumos, o conceito de *habitus* foi citado em um trabalho. Neri, Pochmann, Scalon/Salata e Souza, foram citados em dois trabalhos. Em relação à metodologia utilizada, 76% utilizou método quantitativo e 24% o método qualitativo.

Em termos de análise de uma década: de 2007 a 2017, apresentamos a seguinte configuração de trabalhos que citaram efetivamente o termo “nova classe média”:

Quadro 7: Trabalhos sobre “nova classe média”

Edição	2007	2009	2011	2013	2015	2017
Trabalhos do GT	20	25	13	24	26	17
Sobre “nova classe média”	-	-	-	2	1	3

Fonte: elaboração própria

Para efeitos de análise, como objetivo de mapear esse “movimento”, de mobilidade social ascendente através da mudança conceitual, identificamos a priori que ao longo dos seis Congressos estudados, que compreende o período de dez anos, o GT relacionado à Estratificação Social e Desigualdade contou com a apresentação de 125 trabalhos, sendo que a “nova classe média” foi identificada em trabalhos após 2013, em apenas seis trabalhos.

Partindo do pressuposto de que o campo científico é um campo em disputa e que ele acompanha a dinâmica da sociedade, a temática da classe média foi pouco abordada pelos trabalhos apresentados no GT ao longo dos últimos seis congressos, considerando que esta esteve presente a partir do congresso de 2013. Isso permite supor que esta temática, ainda não está consolidada em termos de escolha de temas de pesquisa sociológica ao longo da última década. Contudo, é provável que os estudos realizados por Souza, Neri e Pochmann tenham desencadeado um movimento de inclusão desse tema na agenda de pesquisas no Brasil, que teve início mais recentemente e que precisa ser acompanhado na configuração do GT nos próximos congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo produzir uma reflexão acerca do Grupo de Trabalho Estratificação Social e Desigualdade do Congresso Brasileiro de Sociologia, nas edições de 2007, 2009, 2011, 2013, 2015 e 2017, totalizando uma década, e que abrangeu ao todo 125 trabalhos.

O caminho adotado para realizar esta pesquisa iniciou-se com uma investigação acerca de referencial teórico que tivesse abordagem sobre o tema, levando-se em consideração a grande contribuição de teorias clássicas e contemporâneas que contribuem para a sua discussão. O entendimento do conceito de classe, primeiramente abordado pela perspectiva econômica e posteriormente ressignificada, por Max Weber de outros fatores como status e partido, conforme foi exposto no primeiro capítulo.

O segundo capítulo buscou com mais ênfase dialogar com a perspectiva teórica que especifica as dimensões da sociedade moderna de forma mais aprofundada. Para compreender como acontecem os processos de reprodução das desigualdades sociais, empreendeu-se compreender o conceito de *habitus* em Bourdieu. O conjunto de disposições duráveis que o agente carrega consigo e que é aprendido afetivamente na socialização primária, é que fará com que o sujeito obtenha sucesso no ambiente escolar e posteriormente no mercado de trabalho. O capital cultural é característico principalmente da classe média, como ele é naturalizado por esta, faz com que esta legitime a tese da meritocracia, de que “pobre é pobre porque é preguiçoso”, ou seja, muitas vezes age em forma de “consenso inarticulado” contra classes que na maioria das vezes não tiveram a oportunidade e os meios para incorporarem o capital cultural. Dessa forma passamos também a discutir o papel do sociólogo na perspectiva de colaborar para que a sociedade para que e os agentes sociais recuperem a capacidade reflexiva sobre si mesmos e sobre a realidade que os cerca.

A partir daí, voltamos o nosso foco para a sociologia brasileira, buscando referenciais que dialogassem com as teorias acima citadas. Nesse sentido, discutimos aspectos da sociologia contemporânea de Jessé Souza, e sua reflexão sobre as relações de classes na sociedade brasileira, sendo que este identifica, no recente movimento de mobilidade ascendente de alguns setores, que vêm sendo chamada de “nova classe média”, que este se refere a ela como “nova classe trabalhadora”, pois estaria muito distante do *habitus* da classe média tradicional. Por outro lado, a classe média

tradicional se vale de seu capital cultural para manter e reproduzir sua posição social, explorando, conforme aponta o autor, o trabalho justamente desta “nova classe média”.

No capítulo quatro, apresentamos o estudo empírico, em relação o GT Estratificação Social e Desigualdade do Congresso Brasileiro de Sociologia de 2007 a 2017, onde foi apresentada edição por edição, aspectos referentes à variação das temáticas e das metodologias, buscando atentar para trabalhos que abordassem a nova classe média. Nesse sentido, a partir da edição de 2013, identificamos seis trabalhos com esta temática.

Por hora, ao finalizar este estudo, pode-se dizer que a temática da “nova classe média” foi um tema muito pouco explorado dentro das temáticas desse GT, insuficiente para causar uma mudança significativa no campo, no entanto, o aparecimento da temática a partir de 2013, identifica que o mesmo passou a ser inserido nas discussões do GT, o que desencadearia acompanhar sua dinâmica nos próximos Congressos.

Destaca-se também, que com a realização deste estudo, identificou-se que é importante que a Sociedade Brasileira de Sociologia, nas próximas edições do seu Congresso, padronize a disponibilização dos trabalhos para facilitar que outros pesquisadores desenvolvam suas pesquisas, além de divulgar e valorizar o acervo científico do evento.

Pensando em outras possibilidades, a partir da realização desse trabalho, seria possível aprofundar os estudos sobre classe média, e este recorte sobre a “nova classe média”, bem como, buscar olhares mais interdisciplinares e estudos que contemplem também temáticas que podem passar a ser relevantes, como uma proposta de acompanhamento da ação dos movimentos sociais, que pode vir a se desencadear a partir dos acontecimentos políticos de 2016 e a partir da proposição teórica de Jessé Souza, principalmente ao que se refere a “esquerda” no Brasil.

REFENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BASTOS, E.R. A construção do Debate Sociológico no Brasil. **Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Unicamp**, 13 de Março de 2013. Disponível em: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649424/15979>>.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. PASSERON, J. **A Profissão de Sociólogo** 2ª ed. - Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAPRARA, B. M. **A Influência do capital cultural no desempenho estudantil: reflexões a partir do SAEB 2003**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: UFRGS, 2013.
- FILHO, E. L. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 14 jul/dez 2005, p. 376-437.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Potily Pren e Blackwell Publishers Ltd., 2008.
- GONÇALVES, F. Educação entre a reprodução e a mobilidade: transformações recentes na sociedade brasileira. **Estratificação e Mobilidade Social**. 1ª ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2015.
- MEIRELLES, M. ...[et al.] **Estratificação e Mobilidade Social** 1ª ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2015.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- NERI, M.C. **A Nova Classe Média: o lado brilhante dos pobres**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.
- POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- SELL, C. E. **Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Webber** – 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

- SETTON, M.G.J. A Teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 20 Mai/Jun/Ago, 2002.
- SETTON, M.G.J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.28, n1, Jan/Jun p.107-116, 2002.
- SETTON, M.G.J. A escolha e o reconhecimento pela educação: o caso de Antonio. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.41, p. 1405-1418, 2015.
- SETTON, M.G.J A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**, v.17 n2, p. 335-350, Nov, 2005.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/2017/home.php>.
- SOUZA, J. (Não) Reconhecimento e Subcidadania, ou o que é “ser gente”. **Revista Lua Nova** n 59, 2003.
- SOUZA, J. A Gramática Social da Desigualdade Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.19, n54, Fev, 2004
- SOUZA, J. Colaboradores: GRILLO, A. ... [et al.] **Ralé Brasileira: quem é e como vive** - Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SOUZA, J. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: Le Ya, 2015.
- WEBER, M **A ética protestante e o espírito do capitalismo** – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WRIGHT, E. O. Análise de classes. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº17, Mai/Ago, p. 121- 163, 2015.